

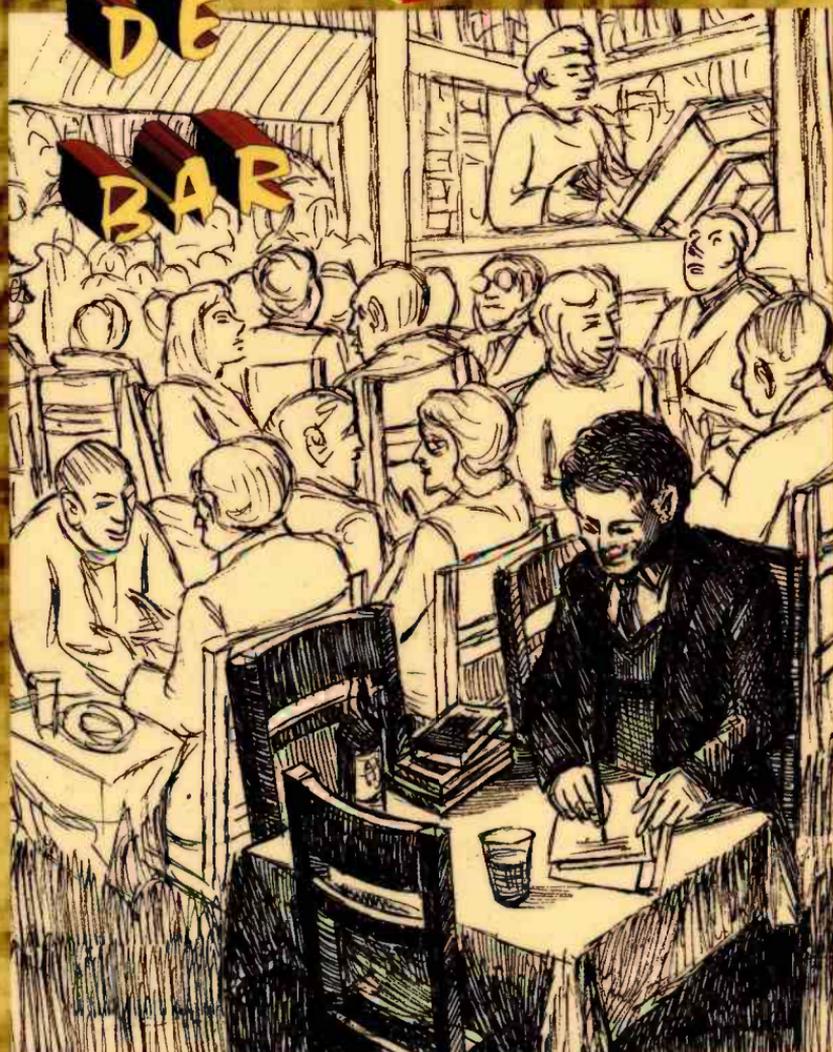
CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

MESA

DE

BAR

*Quase-Diário*



Se “a humanidade está sempre três uísques atrasada”, tenho cá minhas dúvidas. Às vezes ela me parece tão trôpega e fora de si, que a desconfio umas dezoito doses além da conta. Mas não discordo da premissa. O autor da frase, Humphrey Bogart, talvez não estivesse tão embriagado quando a pensou. Não sou especialista no assunto, costumo escrever bem cedo ou só depois do jantar, mas sei que três doses transformam a gravata de um sujeito equilibrado num tapete voador. O pensamento flana por aí, sem compromisso, embora as pernas, se lhes pedirem, ainda dobrem um quatro de fôrma.

É assim que vejo o Caio deste MESA DE BAR, ainda dobrando um quatro de fôrma, em outro ponto de equilíbrio. Um outro Caio, três cervejas mais lúcido, fluente, espontâneo, emotivo, autêntico, sincero. Tão sincero que às vezes choca e incomoda — mas literatura não é mesmo para incomodar?

Não se busque neste livro o Caio clássico de *Trapiá*, *O Sal da Terra*, *Os Meninos e o Agreste*, *O Casarão* e tantos outros. Menos ainda o Caio das histórias infanto-juvenis: *Quando o Sertão Virou Mar*, *Profissão: Esperança*, *Da Terra para o Mar*, *do Mar para a Terra*, *Cajueiro sem Sombra*.

O Caio deste MESA DE BAR é mais pessoal e — para usar uma palavra que ele tanto aprecia e vive — dof-

do. Talvez porque os escritos tenham nascido nessa hora em que as tardes morrem. Ou porque na mesa de um bar, cercado de gente e vozes por todos os lados, a solidão do escritor seja mais intensa do que em qualquer outra ilha. Mas nem por isso o autor derrama lágrimas no papel. Não, ele não é disso. É desses que agüentam firme, com a resistência de quem nasceu numa Fortaleza e faz literatura no Brasil.

Há neste quase-diário muitos Caios, todos filosofando a filosofia dos botequins, essa que é gostosa de ler e ouvir. Há um Caio cronista, historiador, comentarista musical e crítico literário — provavelmente nos primeiros goles. Mas há também um Caio ficcionista imaginando o romance que não escreverá, um Caio contista contando histórias inéditas e um memorialista evocando amigos, parentes, amores e lugares que o tempo desfigurou. Há ainda um Caio fazendo poesia, que em mesa de bar todo verso é livre. E, acima de tudo, há um Caio amigo. Amigo dos amigos de longa data e do saudoso Luís — mais uma geladinha, seu Caio? —, garçom do *Restauradores*, a quem o livro é dedicado. Que se a solidão o autor afoga na mesa do bar, a memória lhe pede imagem e palavra. Palavra de amigo.

*Sérgio Valente*

O autor deste livro, Caio Porfírio Carneiro, foi várias vezes premiado. Inclusive com o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1975.

Escreveu *Trapiá, O Sal da Terra, Os Meninos e o Agreste, O Casarão, A Partida e a Chegada*, dentre outros.

Neste MESA DE BAR há um outro Caio, mais pessoal e doído. Talvez porque os escritos tenham nascido nessa hora em que as tardes morrem. Ou porque na mesa de um bar, cercado de gente e vozes por todos os lados, a solidão do escritor seja mais intensa do que em qualquer outra ilha. Há, neste quase-diário, um Caio cronista, historiador, comentarista musical e crítico literário. Há um Caio ficcionista imaginando o romance que não escreverá, um Caio contista contando histórias inéditas e um memorialista evocando amigos, parentes, amores e lugares que o tempo desfigurou. Há ainda um Caio fazendo poesia, que em mesa de bar todo verso é livre. Todos filosofando a filosofia dos botequins, essa que é gostosa de ler e ouvir.



ISBN 85-85602-02-3



9 788585 602024

to para as  
amf

11/40

Mesa

MESA DE BAR

sete. Lemos  
granham batidas.

com o alho  
e o sal.

16. 31/7/97





CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

MESA DE BAR  
quase-diário



Copyright © 1997, by Caio Porfirio Carneiro  
Todos os direitos reservados.

Ilustração da capa:  
*Carlos Jacchieri*

Capa e diagramação:  
*Thiago Chinaglia Gomes Valente*

Revisão:  
*Toda Prosa e Caio Porfirio Carneiro*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carneiro, Caio Porfirio, 1928 —  
Mesa de Bar: quase-diário / Caio Porfirio  
Carneiro. — São Paulo : Toda Prosa, 1997.  
— São Paulo : Toda Prosa, 1997.

1. Poesia brasileira                    2. Prosa brasileira  
I. Título.

97-2216

CDD-869.98

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Escritos variados : Coletânea : Literatura brasileira 869.98

---

ISBN: 85-85602-02-3

Endereço do Autor: R. Francisco Branco Capozzi, nº 50, Brooklin Novo,  
São Paulo, Capital, CEP: 04566-050.

EDITORA TODA PROSA LTDA.  
R. Martim Peres, nº 371, Jardim da Saúde  
São Paulo, Capital  
CEP: 04148-030  
Telefone: (011) 5589-9538



## LIBELO À TARDE

*(para Caio Porfirio Carneiro)*

JORGE TUFIC

Luminoso cantor, o sol declina  
dentro e fora de mim, na plenitude  
astral, como se um dorso humano e rude  
levantasse do chão poeira divina.

Depressiva escultura vespertina,  
não há quem saiba nem tampouco estude  
o teu segredo, o visgo de tua urina  
que dá vida, mas cresta e desilude.

Teu canto agora é negro; imita um barco  
que se perde em velozes cataratas.  
As horas ficam tensas como um arco.

Roda opressa, dilúvio de agonias,  
hecatombe do azul: tardes ingratas  
nada explicam da luz, sugam meus dias.

*Bar Restauradores, em 23.12.94*



*À memória do Luís Gonzaga Barbosa, garçom do  
BAR E RESTAURANTE RESTAURADORES, que me serviu  
durante tantos anos:*

*— Mais uma geladinha, seu Caio?*

*Aos muitos amigos que ali se reuniram comigo  
(quantos deles já ausentes...) para tomar uns drin-  
ques, contar anedotas, falar de política, mulheres,  
futebol, literatura... E quantos projetos excelentes  
fizemos, em discussões vibrantes, para salvar o  
país... Mas ninguém dos que nos governam e go-  
vernaram nos ouviu. Que pena.*

*E para você – lembra-se? – que me tomava pela  
mão e piscava maliciosamente, com aquele sorriso  
de menina:*

*— Vamos lá?*

*— Vamos.*



## O OLHAR DE MEU PAI...

Aqui, na tranqüilidade desta fazenda, raiz da minha família que vem dos inícios do século dezoito, sentado nesta mesa da sala de jantar, no silêncio de uma noite enluarada, ali em frente, no alto da parede, o retrato de meu pai, bem vestido, chapéu de palhinha, pernas cruzadas, braço apoiado na bengala, bigodes de pontas encradas, foto tirada ainda quando solteiro, olhando fixamente para mim – comparo este instante e este ambiente com o ambiente fervilhante do *Bar e Restaurante Restauradores*, em São Paulo.

E de tão longe, pergunto-me se valerá a pena trazer a público, embora em edição pequena, estes rascunhos ligeiros e atabalhoados, em verso e prosa, que escrevi isolado numa mesa e isolado em mim mesmo, indiferente ao burburinho de fregueses que comiam e bebiam.

E vejo, em quadro ampliado, neste sertão de ventania forte lá fora, o quanto estas notas são um pedaço da minha sensibilidade e da minha alma, justamente porque nasceram da desordem da espontaneidade, muitas delas escritas em velocidade espantosa, provocada pelos alegres e bailantes vapores de alguns copos de cerveja.

E vejo além. Frequento o *Restauradores* por mais de trinta anos, desde que assumi a secretaria executiva da União Brasileira de Escritores, em agosto de 1963. Por mim, ali, passaram muitos e muitos amigos que já se foram. Por mim passaram namoradas ou sorrisos comprados de amores efêmeros.

Se as minhas raízes estão aqui, nesta fazenda quase tricentenária, uma de suas pontas enredou-se no espelho um tanto desfocado mas verdadeiro de andanças interiores, que vieram à tona nas mesas daquele bar.

O Caio que está olhando para o seu pai, e o pai para ele, é e não é o Caio solitário sentado numa das mesas do *Restaura-*

*dores*, à espera do garçom que o serviu anos a fio:

— Por que a demora, Luís? Veja lá: bem geladinha.

Não sou o mesmo porque, vendo-me à distância, lá em São Paulo, pareço apenas um vulto impreciso ancorado à mesa do bar barulhento, à espera dos amigos ou, quem sabe (e é o mais verdadeiro), de ninguém. E sou o mesmo porque aqui e agora, à ponta desta mesa, fitando meu pai e ele me fitando, sinto que os dois contrastes de mim mesmo se unem e confessam:

— Pai, aqui nesta fazenda, que foi o seu chão de infância e chão de infância dos seus antepassados que se perdem no fundo do tempo, ou lá naquele bar, em São Paulo, desgarrado e sozinho, fui digno do seu nome. Você, quando podia, e raramente, tomava vinho. Eu, quando posso, tomo cerveja. Brindemos, então, meu pai, e permita que seu filho solte ao vento estes desalinhavados rabiscos. Se eles pouco ou nada têm destas terras tão queridas, muito têm do espírito delas, que estará sempre vívido no meu espírito por onde eu andar.

Esta razão me basta.

Olhando-nos um ao outro, ele do alto da parede e eu do canto desta mesa, concordamos, num sinal mudo mas sensível, não traduzido por gestos, que estas anotações voem por aí através de ventos benfazejos...

Então valeu a pena rabiscá-las.

*Fazenda Pau Caído – Santana do Acaraú – Ceará, 4 de janeiro de 1996,  
quinta-feira, às 20h25.*

## BREVIÁRIO DE INTERROGAÇÕES

Conversam, conversam, conversam.

Falam, falam, falam.

— E por que me sinto um homem das cavernas?

\*

Deus.

— Como será?

\*

O cão fuzila-me, pronto para o ataque. Acaricio-o com um medo dos diabos.

— Quer vir aqui pro papai?

\*

Chove lá fora. Ninguém na rua. O homem passa correndo, um jornal na cabeça.

— Momento estático ou de fuga?

\*

Ela, ali em frente, põe a mão no pescoço dele, beija-o.

— Para me provocar?

\*

Esta interrogação vara anos e ninguém se apercebe dela:

— *Oh, jardineira, por que estás tão triste?*

\*

No leito, pálida como cera, o padre ao lado, cercada dos filhos.

— E ele, chegou?

\*

Conte seu pecados.

— Todos?

\*

Não me pergunte nada. Sei tomar conta da casa. Sei das minhas obrigações de esposa.

— A sopa está quente?

\*

Ele está velho, encanecido, nem parece o mesmo.

— Como pode?

\*

Olhe, filho, Deus é bom, morreu na cruz por nós.

— Será?

\*

A verdade está na bíblia e você ainda pergunta por quê.

— Por que não? .

\*

É, meu amigo, vou morrer...

— E daí?

\*

Ela cruzou as pernas.

— Cadê?

\*

*Pai nosso, que estais no céu...*

— Alguém rezando?

\*

Se eu acreditasse em Deus iria para o céu.

— Você?

\*

Vou ficando por aqui.

— Não topa mais uma?

*Restauradores, 13 de maio de 1994, às 20 horas.*

## ANIVERSÁRIO (I)

Há treze anos  
no bar  
a cerveja e a pergunta:  
— Cinquenta e três valeram a pena?  
Hoje  
no bar  
a cerveja e a pergunta:  
— Sessenta e seis o que valeram?  
Como então  
como hoje  
o dar de ombros  
perante a vida e o que se foi:  
— É, seu Caio...

*Restauradores, 1º de julho de 1994, às 18h30.*

## ANIVERSÁRIO (II)

*Em memória do mano Luiz Mauro  
e do amigo Kerginaldo Rodrigues*

Nesta festa sem festa dos sessenta e seis  
clarinada aos amigos que se foram  
Kerginaldo Rodrigues puxando o cordão.  
Nesta festa sem festa dos sessenta e seis  
clarinada aos familiares que se foram  
Luiz Mauro mano puxando o cordão.  
Nesta festa sem festa dos sessenta e seis  
clarinada ao meu tempo que se foi  
eu mesmo puxando o cordão.

E todos nós  
perfilados  
uma gota  
não mais que uma gota  
no rosto  
no peito  
na alma  
gritamos:  
— Presente!

*Restauradores, 1º de julho de 1994, às 19h30.*

## CARROSSEL

Minha perspectiva  
será a tangente  
que me marginaliza por inteiro  
em balanceio de bêbado  
em vendaval oblíquo.  
E a minh'alma galopa  
nos sertões do meu tempo  
na calçada quente da minha rua  
na arcia quente da minha praça  
que me prendem e me libertam  
em sopro de maré perdida.

Ah! coração da minha vida  
vem ao meu pequeno quarto  
à minha cama desfeita  
e me beija por completo  
desde o tempo fugidio  
às trêmulas pontas destes dedos  
que pedem sopro de vida.

Vem amor alucinado  
como te vou ao encalço  
em carrossel tão veloz  
tal qual a onda que bate  
bate rebate e me enlouquece  
e me queda malferido  
como ferido é o harpejo das avós e sinhazinhas  
de doce tão doce carícia  
do amor mais que perdido.

*Restauradores, 8 de julho de 1994, às 18h35.*

## QUIETUDE

Não vejo mais a minha dor  
nem sou um terço do que fui  
não quero mais esta inconstância  
que me abraçou todo o inverno  
nem peço mais por eles mesmos  
se nem por mim pedirei.

Que se dissolva a alma sentida  
nos versos épicos do poeta  
que se acautelem os desafetos  
na frigidez da dor doída  
e que me cubram de beijos  
ou morrerai nesta tragédia.

Eis a quadratura do recanto meu  
tal a rosa-dos-ventos  
tal o afago em meus cabelos  
tal o apelo destes versos  
tal a minha quietude  
tal a plácida placidez  
que mal disfarçam os vendavais  
que me levam ao infinito  
e me deixam comigo aqui.

*Restauradores, 23 de setembro de 1994, às 20 horas.*

## INTERROGAÇÃO

Cabelos lindos  
seios lindos  
pernas lindas  
ventre lindo  
sem interrogações.

Pergunta amor  
qual a verdade eterna  
e a resposta será plena  
como o meu devaneio  
— Não me interogue, amor.

A perplexidade  
será sempre permanente  
porque profunda  
descerá às sombras  
ou virá à tona  
em cabelos brancos sem vida.

No futuro  
no presente  
não me interogue, amor.

*Restauradores, 28 de outubro de 1994, às 19 horas.*

## ILHA

Cada um é uma ilha cercada de muitos ardis que enganosamente a protegem.

## CRENÇA

Acreditar em Deus não é fé, não é disfarce social, não é abstração filosófica. É busca aflitiva de paz e libertação, para não se deter, conscientemente, nos porquês sem respostas que acompanham a existência.

Quem é você, Aristóteles?

## A PALAVRA

A palavra é só a palavra. É uma quieta potencialidade assustadora. Não diz nada ou diz infinitamente mais do que o seu significado.

Assusta.

## O CARRO

Aflicção que o homem tem de ser conduzido, como um deus, por alguma coisa que não sejam os próprios pés.

Ouviu, velho Ford?

## IRMÃOS

Querido Manezinho do Bispo:

Você, com suas *Máximas e Pensamentos*, lá na minha Fortaleza do início do século, e eu com meus pensamentos e máximas, neste bar meio louco.

Somos ou não parcidos? Quem sabe, quase irmãos.

*Restauradores, 4 de novembro de 1994, às 22h10.*

## BALADA TORTA

Eu vim do ocaso  
para a luz rediviva  
Eu vim do nascente  
para o sol fulgurante  
Eu vim de mim mesmo  
Eu vim porque vim  
Eu vim sem retorno  
em busca de quem?

Eu vim para a vida  
Eu vim para a morte  
Eu vim sem socorro  
Eu vim de mim mesmo  
Eu vim porque vim  
Eu vim nem sei como  
em busca de quem?

Que diga este instante  
à luz chamejante  
ao sol fulgurante  
à vida vivida  
à vida em mim mesmo  
— que vim pro meu bem.

*Restauradores, 11 de novembro de 1994, às 19h30.*

## RECUSA

Continuo recusando a acreditar  
continuo no mesmo lugar  
padecendo as mesmas dores  
sem as sutilezas de outrora

Recuso porque meu Deus  
não é a recusa de agora  
recuso como quem parte  
sem espera de resposta

Recuso o verbo mal posto  
recuso o mal que te espera  
recuso por tudo recuso  
e por muito mais quem me dera

Diga-me a maldade doída  
diga-me a verdade sentida  
diga-me a mim mesmo diga-me  
onde o mau tempo da vida

A recusa mais que a recusa  
a recusa verdade maldita  
a recusa dor galopante  
sobre os tropéis delirantes

A recusa quanto mais soma  
mais debilita o amor ferido  
mais se acautela e recusa

*Restauradores, 25 de novembro de 1994, às 21 horas.*

## EXPERIÊNCIA DESFEITA

*Em memória do amigo Ricardo Ramos*

A experiência de vida  
pouco conta  
na noite desesperante.  
Quietas valas nas sombras  
mais esperam que espreitam  
e sufocam o apelo aflito  
venha de qualquer quadrante.

O voejar da esperança  
nada importa  
neste instante.  
A noite desesperante  
as velas quietas nas sombras  
voejam em loucas nuvens  
e a experiência de vida  
que pensei acumulada  
em cada fio de cabelo  
ao longo de tantos séculos  
só o reverso me mostra.

Então é amar loucamente  
soltar beijos aos destroços  
rir o riso alucinado  
e ir em frente sem norte.

*Restauradores, 9 de dezembro de 1994, às 18h40.*

## A PRAÇA

Sentei-me no banco da praça, ao lado dela.

— Oi.

Olhou-me, lenço nos dedos nervosos, lágrimas nos olhos aflitos. Quase um pedido de socorro. Pigarreei, cruzei e descruzei as pernas:

— O que houve?

O choro dela aumentou, olhei em torno meio perdido, ninguém na praça, só um homem trôpego, lá longe.

— Não chore.

Arrependi-me imediatamente da sugestão tola. Pensei em levantar-me e ir embora. Não passei do gesto: uma covardia deixá-la assim. Tentei o assovio, que saiu frouxo, meio sopro. Balancei as coxas, mãos apoiadas no banco, para espantar o nervosismo. Ela voltou a me olhar, um olhar de quem está naufragando para nunca mais:

— Você me acompanha?

Tornei a olhar em volta. Quem sabe mais pessoas passariam e a praça adquiriria vida. Mas somente o homem trôpego na paisagem, meio diluído na distância. E uma velha folha de jornal bebadamente levada pelo vento.

Então a acompanhei.

*Restauradores, 9 de dezembro de 1994, às 19 horas.*

## A FUGA

Aconteceu numa das minhas idas a Fortaleza.

Passei a observá-lo e a acompanhá-lo de longe. Seria ele. Não mais suas feições, que o tempo passara. Pelo andar, o mesmo de antes, pelo todo do físico, por alguma coisa que ficara dele. Por isto, seria ele, depois de mais de quarenta anos.

Entrou numa farmácia e eu esperei, olhando-o e olhando os que passavam. Acerquei-me do balcão e ali esperei. Ele leu alguns rótulos de remédios nas prateleiras e veio. Passou rente a mim. Detive-o com a interrogação:

— Você é o Eduardo?

Olhou-me meio intrigado, estudou-me.

— Sou.

— Eduardo Menezes?

— É.

Então veio o relaxamento, sorri, porque vencera a disputa comigo mesmo.

— E quem sou eu?

Ele me olhava, desviava a vista, disfarçava, pensava e tornava a me olhar. E nos rápidos exames que me fazia eu o examinava também, via nele a devastação do tempo, meio calvo, caído de ombros, mãos com pintas negras, que nunca foram dele, segurando uma bolsa de documentos.

Não deixei que a inquietação continuasse.

— Eu sou o Caio.

— Ah.

Aquela exclamação fugidia, menos de espanto que de decepção, levou-me prontamente à certeza de que a devastação que eu via nele ele via em mim.

Iniciamos uma conversa que tinha tudo para se tornar agradável, pelo reencontro depois de tantos anos, mas que se tornava, mais e mais, extremamente difícil e constrangedora. Perguntas curtas, respostas sincopadas, silêncios aflitos. Uma

desconfiança inexplicável e irremediável, quase intransponível, entre nós dois, tão unidos no passado, nas brigas homéricas nas pensões baratas, nas farras que varavam as madrugadas.

Ele não parava com a bolsa de uma mão para a outra, como se ela fosse a culpada de tudo. E eu, sem outro gesto para me socorrer, passei, numa postura mentirosa, a mão nos cabelos.

— E então?

Não me vinha outra pergunta e ele não tinha resposta para esta.

Alguém o chamou, o que lhe deu o direito de fugir:

— Volto já.

Não voltou. Eu desejei que não voltasse. Esperei alguns instantes para justificar à minha consciência de que a fuga fora dele. Mas quando caminhei rua afora, certo de que ele não voltaria, vi, claramente, que eu também buscava a mesma fuga.

A única verdade verdadeira, marcada pelo tempo, entre nós dois.

*Restauradores, 14 de dezembro de 1994, às 19h30.*

## PONTUAÇÃO

Qualquer instante discreto  
qualquer hora desta vida  
qualquer despertar de sono  
marcará qualquer ferida.  
Ora estrofe imperfeita  
assim desfeita aos meus olhos  
sem atalhos  
sem tropeços  
entre copos e garrafas  
cirandaré bar afora.

E eu verei esta cidade  
de torvelinhos pontilhada.  
Então qual a grandeza  
de Deus ou de mim mesmo?  
Então por que a bebida  
a libação  
a espera  
o meu tempo e o mau tempo  
a chuva que não parará?

Esta a marcação das dúvidas  
que pontuam em cada canto  
dos quatro cantos da mesa  
que me oferece a garrafa o copo  
me ampara os cotovelos  
para que eu olhe os fregueses  
olhe o tempo  
a chuva  
ou então não olhe nada.

*Restauradores, 14 de dezembro de 1994, às 19h40.*

## ÍCONE

Um pouco de sono talvez  
Um pouco de tédio bem sei  
Um pouco de tudo  
que quase nada me soma  
e me leva à velha imagem  
Ícone da minha vida  
levado em procissão  
peregrinações dispersas  
andor por aí afora  
pálio que apenas ciranda  
em torno sempre de mim  
e abro as mãos  
me ofereço  
me entrego por inteiro  
me consagro  
em banho de perfume doce  
de muita sacralidade

É quando ela passa em cortejo  
e se vai estrada além  
na pocira solta envolvente  
que me devolve aos céus.

*Restauradores, 16 de dezembro de 1994, às 19h05.*

## TEMPO

É de consistência tamanha  
a minha fala esquiva  
que me quedo alumbrado  
desesperançado do dia

E me ponho à espera do retorno  
como quem se perde em litánias  
talvez fugindo da vulgaridade  
que empalidece este dia

Tal é o compassar silente  
de quem vai entre as quimeras  
que a flor que nasce fenece  
morrerá de espasmo um dia

A data do tempo braceja  
desesperançado do dia  
que empalidece este dia  
e morrerá de espasmo um dia.

*Restauradores, 28 de dezembro de 1994, às 19 horas.*

## A OUTRA

— Bêbado, eu?

— Completamente.

— Como! Não bebi quase nada.

— Quase nada, hem.

— Dois copos.

— Multiplique por dez.

— Por que você acha que estou bêbado?

— Mal consegue pronunciar as palavras.

— Pergunte ao garçom se eu não bebi só esta cerveja, pergunte.

— Não vou perguntar nada. Vi tudo. Você está às quedas.

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Pague a merda desta cerveja que eu tomei. A minha amiga chegou. Tchau.

Levantou-se cambaleando, empurrando mesas, assustando fregueses, sem direção, pedindo desculpas, encontrou-a à entrada do bar, abraçou-a, beijou-a:

— Você demorou, querida.

— O trânsito. E o seu amigo?

— Deixa ele pra lá bebendo. Não faz outra coisa. Vamos?

— Vamos.

Sáiram.

Na rua, logo aos primeiros passos, ele caiu no choro. Puxou o lenço do bolso. Ela, compreensiva, esperou paciente:

— Ainda pensando nela, não é?

Ele, lenço na mão, olhava em torno, desorientado:

— O que eu vou fazer, bem? O que eu vou fazer?

*Restauradores, 28 de dezembro de 1994, às 19h30.*

## MINHA TERRA

Na minha terra  
querida com laço de fita  
eu rimaria sem pressa.  
A minha terra é áspera  
é tempo que se prolonga  
desde avoengos tropéis  
que o sopro do vento não mata  
em espaço tão corrido  
ao embalo desta rede.  
Meu pé borrando a parede  
e o ranger dos armadores  
pra cá pra lá  
pra lá pra cá  
marca o tempo presente  
tic-tac ao correr do tempo  
que firma o mourão na terra  
e com ele perpetua  
currais porteiras campos  
cspelhos de águas tranqüilas  
paredes buscando os céus  
pé direito oito metros  
janelas portas rangentes  
alpendre aberto aos caminhos  
retratos que fitam austeros  
esperam muito de mim  
e me eternizam aqui  
na argila deste chão.

*Restauradores, 27 de janeiro de 1995, às 20 horas.*

## ÂNSIA

Ela passou lá na estrada, sol reverberante, rumo à casa da avó. Encostado ao balcão da venda, tomando uma dose, voltou mais uma vez a mesma vontade louca de correr atrás dela, desculpar-se, pedir perdão, ajoelhar-se no barro do caminho.

Engoliu o resto da cachaça e foi até a porta. Lá ia ela com a poeira, o vento levantando-lhe a saia, expondo-lhe as coxas grossas. Ela apressou os passos curtos, mãos segurando a saia.

Faltou-lhe vontade e ânimo. Uma ânsia danada. Retornou ao balcão:

— Outra.

Tomou várias doses. Plantão de todos os dias, até ela passar de volta para casa. “Só porque tomo alguns aperitivos. Só porque perdi a cabeça e bati naquela velha idiota.”

Chegou à porta e lá vem ela. Cria coragem, faz sinal e ela não olha. Aproxima-se dela, coração aos pulos, passos controlados:

— Oi.

— Já falei. Não olhe mais para mim. Acabou. Não compreende? Acabou.

Retornou ao balcão. Bebe o resto da dose, a ânsia subindo numa aflição enorme.

— Estou com enjôo.

As mãos enxugam copos, arrumam garrafas nas prateleiras:

— Vá ali na ponta da calçada.

Sai para o sol, senta-se na ponta do cimento quente.

Chora como nunca chorou.

*Restauradores, 10 de fevereiro de 1995, às 19h10.*

## POEMA REVISADO

Mundo mundo vasto mundo  
Eu não me chamo Raimundo  
Eu não preciso de rima  
E encontrei a solução.

*Restauradores, 10 de fevereiro de 1995, às 19h20.*

## ELA

Se ela quisesse  
em campo florido  
ditar as normas do meu bem-viver  
eu choraria à toa  
todo o meu pranto em vão.

Se ela deitasse  
seu corpo e sua alma nesta cama  
e oferecesse em beijos suas dádivas de mel  
cu de fauno passaria  
à quietude santificada  
e dormiria em mim  
toda a alegria contida.

Se ela tão ela  
apenas ela  
me pedisse a mim por ela  
do ícone eu desceria  
em círio ardente me consumiria  
em choro  
de lágrimas  
por ela.

*Restauradores, 24 de fevereiro de 1995, às 19h20.*

## TEMPORAL

A chuva continuava lufante.

— Vai cair. O barraco vai cair, meu Deus.

O barro mole, inexorável, em blocos, deslizou da ribanceira.

Ela pôs no braço o filho de poucos meses, sono e choro, o mais velho seguro pela mão, correu desesperada, escorregando ladeira abaixo, e, lá longe, viu, com a última golfada do barro, o barraco eclipsar-se de todo.

O coração se partiu:

— E o Pedro que não chega...

*Restauradores, 24 de fevereiro de 1995, às 19h30.*

## NÃO DÁ...

— Quero isto pronto ainda hoje.

— Hoje?

— Hoje.

Olhou o sol declinando e descobriu, aflito, que não conseguiria cumprir a tarefa antes do cair da noite. Mas baixou a cabeça e entregou-se, com a máxima rapidez, a ladrilhar, o suor pingando do queixo, das axilas. Na pressa e no nervosismo quebrou alguns ladrilhos.

— Meu Deus.

O sol descia e o ladrilhado avançava pouco. A vista turvou. Sentou-se no chão, abanou-se com o velho chapéu. Fome medonha. Sede medonha.

Os passos aproximaram-se:

— E então?

Olhou para ele, súplice:

— Não dá...

Primeiro o pigarro, depois a decisão aborrecida:

— Tudo bem. Chamo outro para o serviço. Pode ir. Venha amanhã receber as horas de serviço.

Ainda quis argumentar, o alpendre era grande. Apenas levantou-se, pôs o chapéu na cabeça e rumou para casa.

A primeira pergunta, logo à entrada, os olhos dela esperançosos:

— Arranjou serviço?

A sede confundia-se com a fome. Olhou além dela e viu o monte de ladrilhos e o vasto alpendre.

— Não deu...

Sentou-se à mesa, mãos cruzadas ao queixo, à espera de alguma coisa que ela lhe pudesse trazer para comer.

*Restauradores, 3 de março de 1995, às 18h25.*

## VELHO TEMPO

- A melhor coisa na vida é transar.
- Que obsessão.
- Sou saudosista.
- Ah, velhas músicas, hem.
- Não é isso. Já brochei.

*Restauradores, 3 de março de 1995, às 18h35.*

## IMORTALIDADE

— Ah, Mestre Machado, você jamais algum dia haveria de pensar que o que falaram e falam, escreveram e escrevem sobre você, corresponderia provavelmente a cinco por cento do que você próprio pensava de si mesmo e de sua obra? A imortalidade é um sufoco, não acha?

*Restauradores, 3 de março de 1995, às 19 horas.*

## A SOMBRA DO VELHO

Os jornais falam do nervosismo que tomou conta das Bolsas. Quedas vertiginosas no Rio e São Paulo. E a sombra do México, caminhando para uma possível moratória, começa a turvar os céus da Argentina e do Brasil, deixando toda a América Latina perplexa. Fala-se na fuga de capitais especulativos e no torpedeamento dos planos *Austral* e *Real*. E o capital anejo, em vôos rápidos, assombra este velho mundo globalizado, onde o capital (por onde andaré Marx?), na sua voracidade, concentra-se mais e mais numa campânula pequena, densa, espessa, e o resto do mundo, mundo, vasto mundo, desce, em queda livre, para o fosso profundo.

Trotsky, na época do imperialismo emergente, nunca acreditou na vitória do socialismo num único país sem o amparo de uma revolução permanente, que levasse o capital monopolista de roldão.

Agora temos essa divisão abissal e monstruosa, onde a informática e a robótica vencem as fronteiras nacionais mas não estão vencendo o espírito nacionalista, que ressurge, estreito e fanatizado, no mundo inteiro, e que, se globalizou tudo pela velocidade das comunicações, ampliou também, quase infinitamente, a distância entre os que têm tudo e os que nada têm. Isto nos traz a sombra quase demoníaca do velho revolucionário, com o seu dedo acusador, a profetizar:

— Errei quanto ao tempo em que a hecatombe aconteceria. Mas vi o crescimento do diabo. A verdade continua a mesma e inalterável. A luta vem aí: definitiva.

Será por aí, velho demolidor, ou estou sofrendo os efeitos dos leves vapores etílicos, com estes copos de cerveja?

O futuro dirá. Enquanto isto, olho daqui aquela morena, tão mocinha e de pernas tão grossas, que seria uma beleza numa cama. Se a pudesse conquistar, o capital, os ricos e os pobres, este velho mundo injusto e sem jeito que levassem a breca.

Com aquela morena na cama, embora já me sinta um tanto burro velho, juro por Deus que eu seria mais eu.

E seguiria o conselho do poeta: dançaria com ela um tango argentino.

*Restauradores, 10 de março de 1995, às 18h40.*

## QUASE FUXICO

- Meu amigo, eu nem te conto, rapaz...  
— Pois não conte.  
— Está bem. Está bem.

## PAIXÃO PERDIDA

Helena  
olhando-me  
vendendo-me cigarros.  
Sorri:  
— Olá.  
Ela e o troco:  
— Olá.  
Foi uma paixão recolhida  
sonhada  
sofrida  
perdida.  
Lá se vão quantos anos?  
Nem sei eu.  
E ela, pensou em mim em algum instante perdido?  
Se não pensou, tudo bem.  
Se pensou, como saberei para me emocionar?  
*That is the question.*  
Sabemos disso, meu caro Hamlet.

*Restauradores, 10 de março de 1995, às 18h45.*

## O AMIGO DO POETA

Do poeta Aluísio Medeiros:

*A garrafa sobre  
a prateleira  
a garrafa cheia  
visível, intocável.*

E por aí vai, na sua beleza poética.

Eu, pobre de mim, maculo sacrilegamente o poema,  
porque toco na garrafa, vejo e sinto que ela é de vidro e  
bebo o conteúdo.

Ironia?

Puro despeito por não conseguir alcançar a beleza  
criadora do grande poeta.

E amigo.

*Restauradores, 10 de março de 1995, às 19h10.*

## DISPERSÃO

A ótica da minha vida  
tão dispersa  
tão ferida  
há de ficar só comigo

A dispersão dos meus atos  
tão nulos  
tão passageiros  
gotejará como bálsamo  
no meu caminho sem volta

Se assim tão sério estou  
nesta postura ridícula  
é que tudo em mim Senhor  
marcou em vão minha vida

Ah lenitivo meu  
soma dos meus dissabores  
Ah vida minha vivida  
espelho do meu tempo ido

É isto a quimera esperada?  
É isto a verdade de tudo?  
Ou a brisa leve que passa  
é a rediviva esperança  
de tempos imemoriais?

*Restauradores, 28 de abril de 1995, às 19h15.*

## O CAMARADA

Já fui muito religioso. Católico fervoroso. Assombrei-me com o demônio, temi a perdição da minha alma. Confessei-me e comunguei, comunguei e confessei-me. Até à exaustão. A luta foi grande. Anos de rezas e de pedidos de perdão.

Depois, numa fraqueza passageira, porque os olhos dela eram tristes, vi-me em pecado mortal. E toda a luta travada, para alcançar o Paraíso, perdeu-se em menos de uma hora.

Então abandonei a luta. Entreguei a alma ao diabo e me tornei comunista. Mas nunca — juro que nunca — fui com a cara de Stalin. Eu não externava a aversão. Eu era tão jovem e todos na rua, no jornal, gritavam:

— Viva o camarada Stalin! Viva o camarada Prestes!

Eu aplaudia sem entusiasmo. Prestes ainda passava, mas Stalin me bloqueava. O ideal comunista me fascinava, mas Stalin, na minha perplexidade dos 17 anos, por intuição inexplicável, não me descia goela abaixo. Um contra-senso, eu me dizia. Um pecado mortal, semelhante ao religioso. Só meu. Explicação, não tinha. Lutei comigo mesmo, mas a aversão àqueles bigodes, àquele meio sorriso recolhido, àquele olhar indecifrável de pálpebras um tanto cerradas, àquele cachimbo — sei lá! — levou-me a detestá-lo.

O meu conflito se avantajou porque, ao ver pela primeira vez o retrato de Trotski, imediatamente o admirei. Romanticamente o admirei. E eu nem sabia o que era trotskismo. Lutei comigo em vão. Os amigos nunca souberam deste meu conflito desesperado.

Só mais tarde, bem mais tarde, descobri o fácil enigma: eu admirava Trotski porque ele abominava Stalin. Eram inimigos mortais. Tomei partido automaticamente contra o senhor todo-poderoso da URSS. Diante dos amigos eu continuava limpidamente hipócrita.

Não abracei as idéias de Trotski porque eu nem as conhe-

cia e não procurei conhecê-las. Mas já que ele era contra Stalin, então... então éramos aliados. Isto me bastava.

Talvez por isto, devido à minha antipatia ao secretário-geral do PC da URSS, ainda hoje, tantos anos passados, acreditando meio cético em novas idéias, evoluídas ou involuídas, não importa, sempre que vejo a fotografia de Trotski, aquela barbicha, os óculos de aro, cabelos revoltos, deixo escapar um sorriso de afeição.

Afinal, fomos camaradas de verdade, não fomos?

*Restauradores, 28 de abril de 1995, às 19h40.*

## O MESTRE

— O que é o pensamento, mestre?

— É fácil. O pensamento é a configuração, a um tempo caótica e redundante, de um estalo vieirístico, que, na verbalização do incognoscível, se isto pode ser verbalizado, traduz-se na heterogcidade dos conflitos somáticos, não simióticos, de tudo o que o Cosmo, dentro da perpetuação evolutiva das espécies, anti-espécies e valores, leva a um contexto emblemático e imprevisível dos prolegômenos esquecidos, os quais, nos escaninhos das verdades eternas, ditam as normas incontestas de todos os meandros lúdicos, lúbricos e anárquicos das dimensões quânticas e das metamorfoses da vida e da matéria. Compreendeu?

— Não.

— Pois é isso.

*Restauradores, 28 de abril de 1995, às 20 horas.*

## MÚSICA

Da valsa de Cândido das Neves, na voz melodiosa de Orlando Silva:

*Deus,*

*só Deus*

*sabe que os olhos teus*

*são para mim dois faróis clareando o mar...*

E eu, que faço, se os olhos da *minha* me fuzilam?

*Restauradores, 28 de abril de 1995, às 20h20.*

## CAMINHADA

La com o mesmo vento, a mesma saia, o mesmo cabelo solto, o mesmo gesto de mão para prendê-lo. Virou-se como se virou sempre, todos os dias, após passar por mim, olhos no chão, tímida.

E pela primeira vez acenou-me. Alvoroei-me. Jamais esperaria isto dela. Eu apenas pigarreava, dias seguidos, quando ela passava ali perto. O pigarro era tudo de mim, meus sonhos, minhas insônias, porque eu não tinha palavras.

O aceno dela foi uma dádiva de Deus. E corri atrás do vento, da saia, dos cabelos soltos, do gesto de mão para prendê-los. Do seu aceno mais de chamamento que de adeus.

Parei, espavorido, a seu lado. Ela continuou. A seu lado continuei. Só me veio isto:

— Oi.

Som gutural, nascido de dentro d'alma. Foi tudo o que pude externar. Ela sorriu, olhou-me, pela primeira vez olhou-me. Senti-me milimetricamente estudado. E o sorriso dela se ampliou:

— Como é o seu nome?

A concha abria-se e eu saía de dentro dela:

— E o seu?

Antes que me afligisse com a surpresa da minha resposta tola, ela balançou a cabeça negativamente. Uma negativa que era um gesto de aceitação:

— Vamos?

Eu agora me sentia totalmente liberto da concha. Olhei-a nos olhos, olhou-me nos olhos. Olhamo-nos.

— Vamos.

Meus dedos foram, os dela vieram. Tocaram-se. E a nossa caminhada seguiu.

*Restauradores, 5 de maio de 1995, às 19h25.*

## SOLIDARIEDADE

Parece que o estou vendo sentado na ponta da calçada do mercado da Praça São Sebastião, em Fortaleza. Calças rotas e arregaçadas até os joelhos, chagas vermelhas cobrindo-lhe as pernas e os pés inchados. Tipo aparentemente forte, alourado, olhos azuis, não muito velho. Ali todas as tardes, recebendo a fresca do vento, no silêncio do mercado fechado, que ainda não fora inaugurado.

Nós, crianças, brincávamos por perto e pouco estávamos ligando para aquela criatura silenciosa, que não nos incomodava e que, com o velho chapéu, abanava as pernas, inchadas e purulentas, para refrescá-las e espantar as moscas.

Uma tarde, conversando ele com um tipo amulatado, que se sentou ao seu lado, vi-o pela primeira vez se queixar:

— Por que Deus não me leva deste mundo? Peço todos os dias.

Levantou o chapéu em direção ao céu sem nuvens, azul, poucos urubus planando muito longe. E foi mais uma explosão de revolta do que uma súplica:

— Por que não me leva? O que adianta pedir?

Ouvi tudo aquilo num grande alvoroço de medo. Aquele homem alourado, olhos azuis, roupa coberta de remendos, sentado na ponta da calçada do mercado, praticamente insultava Nosso Senhor, ente invisível, vigilante, que vasculhava as ações de todos, até o mais fundo da alma de qualquer um, à procura de pecados para castigos inexoráveis depois da morte.

Passei a temer aquele homem, a dar voltas para dele não me aproximar, com o seu chapéu cheio de furos, a abanar as pernas estriadas de brechas abertas pelas muitas feridas.

E agora aqui, neste momento, tomando esta cerveja, não sei por que me lembrei dele. Já lá se vão mais de cinquenta anos.

Um longínquo pedido de socorro? Um apelo aflito, do fundo do tempo, em busca de solidariedade?

Se ambas as coisas ou se nenhuma delas, pouco importa. Importa a minha decisão tomada agora, pronta, instantânea e definitiva, independentemente do tempo passado: estou incondicionalmente ao lado dele, contra tudo e contra todos.

*Restauradores, 5 de maio de 1995, às 19h50.*

## A MOÇA BONITA

Estou me lembrando da voz de Nelson Gonçalves espalhando-se pela Praça São Sebastião, saída do rádio de uma das muitas casas de putas ou de quitandas pobres:

*Nadir,*

*Ó Nadir,*

*Boneca encantadora...*

A música leva-me à Nadir, a menina mais bonita do bairro, lá pelos meados dos anos quarenta, em Fortaleza. Assediada permanentemente por todos os rapazolas. Tinha eu os meus dezoito ou dezenove anos. Achava-a linda, porte elegante, loura. Morava na Travessa Itapagé, de um quarteirão apenas, atrás da Rua Dona Teresa, onde eu residia. Fizeram-na candidata a rainha da quermesse, montada na praça. A moçada toda votou nela. E no meio do concurso, ela disparada na frente, porque não havia concorrente que a desbancasse, desistiu da disputa, para decepção da turma toda.

Eu não tinha intimidade com ela e nela não votei. Não por despeito recolhido pelo fato de a mim não dar bola. Simplesmente a achava de postura um tanto petulante, reinando acima da moçada toda, que a perseguia e tocava punheta pensando nela. Toquei punheta por outras, por ela não. Uma vez apenas a cumprimentei, porque estava com o meu amigo Kerginaldo, que, para se vangloriar, dizia a todos que já tinha comido a Nadir. A imaginação do Kerginaldo era fértil. Suas mentiras exageradas ficaram célebres. Rapaz elegante, boa pinta, namorava muito e inventava potoca a valer. Insistia:

— Pois eu comi a Nadir.

Isto num tempo em que moça desvirginada era uma perdição para a família e a sociedade. E Nadir era moça de família.

Pois naquela noite quase sai briga. Na roda de amigos junto ao poste de luz, Kerginaldo voltou a garantir, olhando em volta, provocando inveja na turma toda:

— Comi a Nadir e como de novo.

Um dos amigos, que passava perto, cortou a banca do Kerginaldo:

— Que comeu nada! Vai tomar no rabo, Kerginaldo!

A vaia foi geral. Kerginaldo quis partir para a agressão física, mas foi contido. Acalmou-se e foi embora. Desse dia em diante nunca mais se gabou de ter papado a moça mais bonita da redondeza.

Nadir mudou-se, o tempo se foi, levando consigo o querido amigo Kerginaldo, mas o episódio me ficou nítido. E sempre está presente quando assovio ou cantarolo baixinho a velha valsa de que tanto gosto:

*Nadir,*

*Ó Nadir,*

*Boneca encantadora...*

*Restauradores, 12 de maio de 1995, às 19 horas.*

## UM E OUTRO

Aqui, no meio da barulheira, tomando esta cerveja, lembro, não sei por que lembro, o episódio da chegada da personagem principal ao seu destino, no perdido interior mineiro, do romance *Fronteira*, de Cornélio Penna. Aquele ambiente pesado, aquele silêncio pesado, aquela solidão medonha, de grande alcance dóido e poético, nunca mais me saíram da imaginação. A ficção, recriação da realidade, às vezes é um *susto assustador*. Ainda mais assustador do que o próprio ambiente soturno, o tempo chuvoso, a vida perdida naquelas distâncias, descritos pelo autor. Cornélio vai mais longe, nesses momentos de perplexidades arrebatadoras, do que Lúcio Cardoso. É que Lúcio é instintivo; é que Cornélio é poético. É que Lúcio busca o entrechoque de ódios, a repulsa entre as personagens; é que Cornélio apenas expõe, com grande apuro no trato literário. É que Lúcio é o jogo lúdico de luz e sombra; é que Cornélio é essencial. Lúcio questiona conflitos, Cornélio constata. Lúcio vai às aflições humanas, Cornélio impassivelmente as capta. Lúcio é uma constante interpretação, Cornélio é um permanente tempo de espera...

Em Lúcio as palavras são brilhantemente efervescentes, em Cornélio as palavras são mudas.

Há, entre um e outro, um traço de união na busca do cosmo interior. Em Lúcio há a perquirição, em Cornélio a evidência. Então a distância entre os dois também é muito grande.

São caminhos ricamente convergentes e tremendamente divergentes.

A arte literária não é mesmo uma loucura?

*Restauradores, 12 de maio de 1995, às 19h30.*

## PAUSA PARA A DANÇA

O jornalista e escritor Jáder de Carvalho deixou de lado, por insistência nossa, a montagem do *espelho* da primeira página do seu jornal *Diário do Povo*, que começava a circular em Fortaleza e era impresso nas oficinas de *O Democrata*, do Partido Comunista, onde eu trabalhava, e aceitou o convite para ir ao baile carnavalesco, logo ali perto, no prédio da esquina, que o Partido promovia para arrecadar fundos. Entrada paga. Gente de todo tipo: do engravatado ao operário de macacão. Uma catanga de suor dos diabos. Isto pelos idos de 1948 ou 1949. Jáder tinha acabado de lançar o romance *Eu Quero o Sol*, através da editora *Terra de Sol*, que ele fundara para lançar os seus próprios livros.

Ele entrou no baile, observou calado, bem vestido, engravatado, de óculos. Como se não estivesse gostando do ambiente. De repente, atracou-se com uma negra peituda e gorda e saiu rodopiando com ela pelo salão. A orquestra desafinada tocava e o par, no meio da multidão, girava como um pião.

Quando a música parou, ele ajeitou o paletó, a gravata, os óculos, sempre com aquele ar sério:

— Vamos fechar o jornal.

E voltou para o jornal com os seus redatores, pisando firme.

*Restauradores, 12 de maio de 1995, às 19h50.*

## REVISANDO ASCENSO

Hora de comer — jejuar!

Hora de dormir — vigiar!

Hora de vadiar — orar!

Hora de trabalhar?

— Agüentar o batente que nós somos de ferro!

Observação: Prova de que ele não conheceu o heroísmo, a fé e o peito varonil do povo brasileiro.

*Restauradores, 19 de maio de 1955, às 18h30.*

## FEITO ESPORTIVO

Um dia, numa pelada de futebol na minha terra, em Fortaleza, no Campo do Pio, lá para os lados do bairro do Alagadiço, onde o *Estrela do Mar*, um dos maiores clubes da cidade na década de trinta, fazia os seus treinos, a bola sobrou inteirinha para mim e os amigos gritaram:

— Chuta!

Chutei, de esquerda, eu que não sou canhoto. A bola pegou na veia, no peito do pé, o goleiro esticou-se todo, comeu pó, mas não a alcançou, que ela fora direto no cantinho, raspando o poste.

E o grito geral:

— Gol!

No momento, espantei-me com o meu feito.

À noite, porém, ouvindo a irradiadora do bairro do Otávio Bonfim citar o meu nome, banhei-me de orgulho. Um gol espetacular e de canhota.

O maior feito esportivo da minha vida.

Nada inferior aos de Perácio.

*Restauradores, 19 de maio de 1995, às 18h45.*

## SERENATA

Alta madrugada, no bairro do Alagadiço, em Fortaleza, o amigo feriu o tom e eu entrei:

*Se Deus um dia olhasse a terra  
e visse o meu estado...*

O pai da Helena, a homenageada, abriu a janela e gritou na noite estrelada:

— Vão embora, vagabundos! Isto é hora?!

Corremos. Mas voltamos. E o Antero, que, em serenata ou não, nunca levou desaforo para casa, apanhou uma pedra, jogou-a de longe com violência. A vidraça estilhaçou-se em sons estridentes.

Fomos parar num dos bancos da Praça Nossa Senhora das Dores, no Otávio Bonfim. E o Antero, autor da desforra, suspirou:

— Filho da puta. A Helena não merecia isto. Vamos cantar para a Leda? Vocês se lembram da Leda?

E lá fomos nós e o violão completar a noitada. Andamos pelas ruas pobres, desertas e silenciosas. A casa da Leda era longe, seguindo a linha de ferro rumo a Porangaba. O violonista tentava equilibrar-se no trilho e ao mesmo tempo dedilhar o violão, e eu, já que não pude cantar para a Helena, cantei para ninguém:

*Se Deus um dia olhasse a terra  
e visse o meu estado...*

*Restauradores, 19 de maio de 1995, às 19h35.*

# TU

Teus cabelos tão soltos  
revoltos  
livres ao vento da noite  
Teu sorriso tão terno  
sereno  
voltado para as estrelas  
Teu andar tão leve  
flutuante  
deslizando aos meus olhos  
Teu  
tudo teu  
só teu  
e eu  
nada de meu  
só te vendo passar

*Restauradores, 19 de maio de 1995, às 19h45.*

## ELE, O COMPOSITOR:

*Quem inventou o amor  
não fui eu  
não fui eu  
não fui eu  
não fui eu  
nem ninguém*

## EU, O CRÍTICO:

Claro, claro.

*Restauradores, 19 de maio de 1995, às 19h46.*

## O POÇO

Parece que estou vendo aquele poço coberto de folhas podres. Não sei onde o vi e nem quando.

Mas estava lá. Parece que o estou vendo, chegando nítido do fundo da memória.

— Tão presente, meu Deus!

*Restauradores, 19 de maio de 1995, às 20 horas*

## DÚVIDA

— A existência é um mistério, e que mistério, hem.

— Muda de assunto, cara. Corta.

*Restauradores, 19 de maio de 1995, às 20h10.*

## LEMBRANÇAS ELÍPTICAS

— I —

Hoje é uma quarta-feira, meio de semana como as outras. Para que falar da morte do grande escritor Abguar Bastos, presidente mais de uma vez da antiga Associação Brasileira de Escritores e, depois, da União Brasileira de Escritores? Falar de sua obra? Agora e aqui não dá.

Destaco apenas, da convivência longa que tivemos, porque é o que me chega de supetão, a figura dele, perfilado, cabeça meio encurvada, mãos cruzadas às costas, olhando qualquer coisa numa das vitrinas da Rua 24 de Maio, momentos antes de tomar o elevador e presidir mais uma reunião de diretoria da entidade.

Aproximei-me. Não era uma vitrina de artigos para venda. Era um pequeno carro, desses de cabine envidraçada, onde algumas lingüiças giravam nos varais de metal, as gretas do vidro fosco mal ajustado deixando escapar um cheiro forte de gordura.

Olhou-me, riu:

— Se alguém comer esse troço cai duro.

Antes que eu respondesse, pegou-me do braço:

— Vamos para a reunião.

Então para que escrever mais? Este detalhe, solto e nítido na lembrança, basta-me no momento para registrar, não apenas a lembrança do amigo, mas a legenda literária, sociológica, poética e histórica que se foi na glória dos seus noventa e dois anos de idade, faz poucas semanas.

— II —

Ontem vi o ex-ministro Ciro Gomes na televisão. E me lembrei do Euclides, seu pai. No escritório da *Imobiliária Santa Júlia*, do mano Manoel, e no escritório do mano Luiz Mauro, ali pegado, eu sempre encontrava o Euclides circulando, quan-

do vinha de Adamantina. Às vezes discutíamos feio sobre política, eu, ele e os manos. Chamei-o uma ocasião de reacionário. A discussão transformou-se em gritos, ele praticamente discursando, o nariz vermelho tornando-se mais vermelho ainda. Mas sempre ficava nisso. O vendaval passava e voltávamos a falar do nosso Ceará.

Naquele dia, quando cheguei em Adamantina, numa das viagens periódicas que eu fazia para a firma, procurei, como sempre fazia, o seu escritório de advocacia. Ele tratava dos problemas da imobiliária com os nossos clientes.

Eu chegava de uma viagem estafante, vindo de Presidente Prudente, coberto de pó, morto de fome, uma hora da tarde, um calor infernal. O escritório do Euclides fechado. Ao aproximarme do hotel, de volta, ele me chamou do bar em frente. Não estava bebendo. Mexia numa pasta de papéis. Informou-me:

— Estou quase de viagem para São Paulo. Acabei com tudo por aqui.

Eu já sabia da sua decisão de voltar para o Ceará. Mas espantei-me, porque pensei que era coisa mais demorada.

Foi a última vez que nos encontramos. Voltou para Sobral, levando a família, embora os meus irmãos, o Luiz em particular, advogado como ele e seu grande amigo, insistisse:

— Que diabo você vai fazer lá, cara? Você ficou biruta?

Nas minhas idas ao Ceará e à fazenda Pau Caído, próxima a Sobral, cidade onde ele mora, nunca o procurei.

Deixei de ser comunista desvairado, como era. Por isso nossa próxima conversa, que espero aconteça um dia, há de ser mais amena, e falaremos dos *jacus* endinheirados da Alta Paulista, que compravam lotes de terra em mapas do Oceano Atlântico.

*Restauradores, 24 de maio de 1995, às 18h25.*

## LUZ DA MEMÓRIA

Por onde andaré a Betty? Não é bem saudade. É o vulto dela, surgindo do passado.

— Por onde andaré?

*Restauradores, 24 de maio de 1995, às 18h30.*

## INÍCIO DE ROMANCE

“Entrou, estirou-se na poltrona, tirou os sapatos, um pé ajudando o outro:

— Querida, foi uma coisa pavorosa...

Ela, na poltrona em frente, fitava-o trêmula:

— Verdade?

— Nem queira saber. Uma tragédia.

Ela cruzou os braços, trêmula, esperando. Ele levantou-se, foi à janela, olhou a rua lá fora, os carros deslizavam no asfalto molhado. Voltou, sentou-se, cotovelos nos joelhos, mãos cruzadas ao queixo:

— Você não vai acreditar. É tudo verdade.

A voz dela, nervosa, um fio de voz:

— Tudo?

— Tudo, tudo. Juro.”

Observação: É o começo de uma obra monumental que irei escrever. Irá longe. Romance baseado em fatos reais, de umas mil páginas. Ou mais. Drama aterrorizante, aterrador. Preciso de muito fôlego e de mais cerveja para enfrentá-lo. Este começo é só um pequeno bafo inicial. Não é uma beleza?

*Restauradores, 24 de maio de 1995, às 18h45.*

## FÉ

Minha mensagem de fé  
é quase só de saudade  
vazia e sem consolo  
A remissão dos meus dias  
é quase sempre de espera  
sem paz e inconstante  
A minha eterna esperança  
é quase sempre vindoura  
não brota e nunca fenece

É que estou sempre alerta  
E se virem que morri  
talvez eu confirme sorrindo.

*Restauradores, 14 de junho de 1995, às 18h45.*

## A QUE VEIO DE LONGE...

Ela veio de longe. Tão de longe que eu nunca a vira. Sentou-se a meu lado, passou a mão nos meus cabelos, soluçou:

— Para que cheguei?

— Chegaste porque chegaste. Foi a forma de vida que encontrei para ti mesma.

Se outra pergunta ela fizesse eu apenas encolheria os ombros, como única resposta para tudo.

*Restauradores, 14 de junho de 1995, às 18h50.*

## O FÜHRER E EU

Não é pequena a minha biblioteca sobre a Segunda Grande Guerra. Andei lendo, por estes dias, passagens dela. Detive-me numa discussão, mais ou menos violenta, entre Hitler e o general Zeitzler, sobre o cerco de Stalingrado. Depois reli a discussão violentíssima entre o Führer e o general Guderian, no *bunker* da chancelaria, Berlim quase cercada pelas tropas soviéticas.

Albert Speer (arquiteto de Hitler e depois Ministro dos Armamentos), Trever-Roper, John Toland, William L. Shirar, Paul Berben, Jacques Rosse, Hans-Dietrich Röhre, Cornelius Ryan, Joachim Fest, Gerhard Boldt, e quantos mais (além das secretárias, dos médicos e camareiros do líder), falaram e falaram, em livros, ensaios e depoimentos, sobre essa personalidade complexa, visionária, magnética, autoritária e contraditória, e nenhum deles, em particular, ou todos em conjunto, me convenceram como foi e quem foi essa figura demoníaca e genial gerada pela humanidade.

Hitler me fascina. Não me fascinam suas idéias, claro. Fascina-me o seu lado oculto e insondável. Fascina-me a interrogação maior: o que Hitler pensava de si próprio, sozinho no seu quarto de grande solitário?

Speer conta que se Hitler teve na vida um amigo esse amigo foi ele, Speer. A paixão de ambos pela arquitetura os unia. Mas o próprio *se* duvidoso de Speer amplia enormemente a interrogação: quem foi, *de fato*, Adolf Hitler? Não terá sido ele uma síntese do amor e da crueldade, do bem e do mal, do próprio gênio germânico?

Vejam Kant. Nunca saiu da sua cidade. Durante a vida inteira caminhou de casa para a universidade, onde lecionava, e da universidade para casa, seguindo o mesmo trajeto, quase matematicamente. Vejam Goëthe e seu *Fausto*, e que, numa visão premonitória, afirmou que o povo germânico, tão genial

e um dos suportes da civilização humana, seria capaz, em dado momento, de seguir o primeiro bandido que surgisse na esqui-na. Vejam Schopenhauer e seu pessimismo; Nietzsche e sua exacerbação de grandeza; Hegel e sua dialética; Marx e sua análise da evolução social e econômica da humanidade; Freud e sua psicanálise; Haeckel, Spengler, Schiller, Humboldt, Hoffmann, Mann, Brecht... e sei lá quem mais. Dos filósofos aos poetas, dos romancistas aos cientistas, em cada um deles não há uma aura de messianismo? A cultura germânica é tão rica que chega a ser narcotizante. Na música então. Isto sufoca e gera uma força estranha de atração e repulsão. Como os pensadores e escritores germânicos são parecidos e diferentes... Cada um deles é um degrau a mais na cultura universal e é uma ilha. Isso vem dos teutônicos ou dessa chama espiritual que torna esse povo tão coeso e pronto para a explosão?

Não vai aí nenhum esboço, pálido sequer, para explicar a história de um povo como o germânico. Vai aí... sei lá... uma confissão a mim mesmo de que em tudo que leio da vasta e maravilhosa literatura germânica vejo um pouco — impressão? — da face de Hitler. Não o führer senhor da guerra e da morte. Mas o homem indecifrável, insondável, inalcançável... e que eu desejaria ter conhecido em vida.

Para quê? Eis a questão.

*Restauradores, 14 de junho de 1995, às 19h45.*

## DÁDIVA

A vida é uma dádiva de Deus. De tanto isto repetirem, ao correr dos séculos, ao correr dos tempos, Deus nada mais deu ao Homem.

*Restauradores, 14 de junho de 1995, às 20 horas.*

## O SAUDOSO SUPLEMENTO

Terça-feira última, dia 20, fui à festa de lançamento do livro *Homenagem a Décio de Almeida Prado*, que reúne depoimentos de amigos e escritores sobre o querido Décio, feitos durante a festa que a União Brasileira de Escritores lhe ofereceu, com o apoio da Associação Paulista de Autores Teatrais e do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de São Paulo, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, no dia 18 de novembro de 1994.

Décio autografou-me um exemplar do livro e recordei-lhe o momento em que recebeu-me na redação d'*O Estado de S. Paulo*, por recomendação do Mário da Silva Brito, para que me conseguisse espaço para colaborar no famoso suplemento literário que ele dirigia. Isto por volta de 1960. Bem vestido, com aquela correta e gentil postura conhecida de todos, pedi-me que lhe levasse alguns contos para serem apreciados.

Entreguei-lhe, dois dias depois, uns três trabalhos. Fiquei esperando o sim ou o não. E a minha surpresa foi grande quando, logo no sábado seguinte, vi estampado, tomando uma página inteira, um dos meus contos, com uma bela ilustração.

Tornei-me colaborador assíduo do suplemento. Os anos passaram. E quando ele entregou a direção ao Nilo Scalzo, chamou-me, apresentou-me ao novo diretor, e continuei colaborando assiduamente no suplemento. Larguei um pouco a ficção e passei a escrever sobre livros novos da praça. Depois de anos Nilo afastou-se e o suplemento transformou-se numa minguada “página cultural” inexpressiva. E para mim e tantos outros, que assinávamos matéria no suplemento, nem adeus...

No lançamento do livrinho, Décio me abraça afetuosamente:

— Está colaborando onde, Caio?

Eu ia responder que não havia mais suplemento literário como aquele, mas accearam-se outras pessoas e a resposta

desapareceu no ar, como desapareceram tantos outros suplementos culturais de ótima qualidade por este país afora...

*Restauradores, 23 de junho de 1995, às 20 horas.*

## CIANO E LAVAL

Andei relendo, ao acaso, pulando folhas, o *Diário do Conde Ciano*, escrito por Galeazzo Ciano, Ministro das Relações Exteriores de Mussolini, seu genro e protegido. O *Diário* abrange o período de 1939 a 1943, interrompido quando Ciano foi fuzilado por traição. Não foi traição ao seu sogro e ao fascismo. Suas críticas ao comportamento das autoridades alemãs, Hitler à frente, para com a Itália, durante a guerra, levaram-no ao pelotão de fuzilamento. Nem Mussolini, boneco nas mãos dos alemães, foi de todo culpado. Meio espalhafatoso, meio bufão, com aquela estampa de falso imperador romano, Mussolini no fundo era um pobre coitado. A história desse drama que levou Ciano à morte é complicada.

Mas deixa isso pra lá. Digo apenas que, em certa passagem do *Diário*, encontrei uma descrição curiosíssima: uma reunião, em 1942, no quartel-general de Hitler, em Fuehrerbahn, onde se achava presente uma delegação italiana, Ciano à frente. Também lá estava Pierre Laval, representando o “governo” francês, procurando falar com um e outro, dar o ar da sua presença.

Hitler, bem vestido, túnica verde-escura e calças pretas, mesa coberta de mapas, falava e falava. Os outros também falavam. Mas quando Laval fazia gesto para dar um palpite, Hitler o interrompia, ignorava-o e ia adiante. O fùhrer, visivelmente e o tempo todo, não deixou Laval abrir a boca. Como se estivesse de castigo. E o coitado, que viera da Fraça de carro, vencendo muitos quilômetros de distância, fizera toda a jornada para se expor a tamanho papelão.

Ciano, em várias passagens do *Diário*, faz críticas duras a Laval. Considera-o uma raposa artilosa e um pobre coitado.

Li *O Processo Laval*, o apanhado estenográfico de todas as fases do julgamento dele, trabalho bem organizado por Maurice Garçon, da Academia Francesa. Não foi um julgamento. Com a condescendência do presidente do júri, os próprios jurados, durante os debates, chamavam o réu diretamente e em vozes altas de traidor, canalha, cachorro, vendido ao inimigo. Os advogados de defesa abandonaram o julgamento em protesto àquele comício. E o réu acabou por não mais comparecer à sala do júri porque o juiz fazia-lhe perguntas e ele próprio, presidente da pantomima, as respondia. Lembrou-me um pouco o julgamento dos membros do complô para explodir Hitler. Laval retirou-se porque, conforme suas próprias palavras, “não queria ser vítima de um crime judiciário”. Acabou sendo — e era o esperado por todos — fuzilado.

Não sei por quê, talvez por um pouco de espírito de contradição, eu desejaria ter ouvido Laval. A vida é tão complicada, os homens tão inconstantes, os deuses que se transformam em demônios são tantos e os demônios que alçam à grandeza de deuses não são de menor quantidade, que me pergunto se Laval, no íntimo, não se julgava sincero. Ele gritou muitas vezes no tribunal que tudo fizera pela França.

Nenhuma defesa quero fazer de Laval. Mas... o julgamento de Nuremberg foi justo? Os juízes russos queriam fuzilar os generais alemães. Fuzilar um Kesselring, um Rundstedt, um Guderian, como? Se Rommel tivesse sobrevivido à guerra também mereceria o pelotão de fuzilamento? Albert Speer, o jovem arquiteto de Hitler e depois seu Ministro dos Armamentos, merecia de fato os vinte anos de prisão que sofreu?

Numa guerra, onde a ética, as ambições, as paixões, as verdades e as mentiras entram num funil impossível de uma análise fria e sem paixões, o que sobra? Sobram a verdade poderosa aos vencedores e a cadeia ou a morte aos derrotados. O regime nazista não tem perdão. Os seus crimes contra a humanidade assombraram o mundo. Porém... e a bomba atômica sobre Hiroshima? Se foi necessário — o que não creio — apa-

gar do mapa uma cidade aberta, às nove horas de uma manhã clara, por que a repetição sobre Nagasaki? Que diga o sorridente Truman, que depois da ordem dada para os dois holocaustos foi tranqüilamente para a igreja rezar.

Foi sempre assim. Quantos Lavais não estiveram ao lado dos aliados? Um deles foi Von Paulus, que se entregou aos russos depois da derrota de Stalingrado, todo empavonado com a sua patente de marechal, que Hitler lhe dera poucos dias antes. Fez um discurso na Rádio de Moscou atacando Hitler e foi aplaudido. Chegou a ser testemunha de acusação contra os réus, em Nuremberg, ele que comandou o VI Exército alemão e tudo fez para conquistar Stalingrado; ele que foi um dos poucos do Alto Comando Alemão, ao lado de Hitler, que traçaram os planos para a invasão da URSS. Se ele tivesse ganho a batalha romperia com Hitler?

Nós, humanos, somos santos ou demônios? A humanidade se contorce em dores desde que surgiu na face da Terra. Não há antídoto para o vírus do egoísmo humano.

De amigos mesmo, meus amigos, só eu e esta garrafa de cerveja à minha frente. Assim mesmo, depois de bebida, a garrafa não me valerá mais a pena. Passará a ser uma pobre garrafa vazia. E eu, que me servi dela, gritarei ao garçom:

— Luís, leva este casco! Me traz outra, bem geladinha, tá?

*Restauradores, 23 de junho de 1995, às 20h30.*

## UNIDOS E DISTANTES

A C. está de viagem para Portugal. Marcamos essa viagem, para um roteiro juntos, inúmeras vezes. E nunca realizamos. Culpa de ninguém, talvez minha, e da vida vivida como levamos.

A C. vem e vai na minha vida. E agora, quando ela se despede de mim, depois de tomar um suco de laranja, para um passeio de quinze dias em Portugal, sinto saudade dela. Uma saudade diferente. Saudade dos nossos encontros íntimos, desde quase trinta anos atrás.

Como somos iguais e como somos diferentes. Ela é determinada, voluntariosa, ousada até quase à imprudência. Eu sou excessivamente prudente, cauteloso, doentemente temeroso de um passo em falso.

O que nos une é bem mais do que o decantado Amor. Unenos a nenhuma cobrança da parte dela, de me aceitar como sou, sem concessões de sua parte. Eu a aceito como ela é, com a sua independência tranqüila e suas decisões que a enaltecem e não me amesquinham.

Depois do beijo de despedida, neste restaurante fervilhante de gente, prometeu-me mandar cartões de Portugal. Ela o fará. Na volta de suas viagens de férias sempre me traz uma lembrança. Não perguntará por onde andei nem perguntarei também como se comportou na pátria de Camões.

Talvez por isto todo encontro nosso é uma renovação de querer bem, pacificamente, sem aflições, desde que nos conhecemos e nos beijamos pela primeira vez, numa festa no Embu, lá pelos idos de 1967. Talvez porque começou assim e continuou assim, tenha sido tão agradável a convivência entre nós dois. Quem sabe fossem diferentes nossas vidas com o dia-a-dia rotineiro; quem sabe essa distância, tão do meu agrado, seja o traço-de-união entre nós há tanto tempo.

Não sei o que fará em Portugal e ela não perguntará o que

fiz por aqui. O que sei, o que sabemos, é que, para além da vida que levamos separados, ela pensará em mim em Portugal e eu pensarei nela na sua ausência.

E o beijo, na sua volta, será o mesmo daquele que trocamos lá na distante e longínqua festa do Embu.

*Restauradores, 7 de julho de 1995, às 19 horas.*

## BING E ORLANDO

Que semelhança, longínqua sequer, existe entre as vozes de Bing Crosby e Orlando Silva? Nenhuma, claro. Orlando, na fase áurea de sua carreira, era um “passaro canoro”, e Bing, com sua voz suave, solta, de graves aveludados, mostra outro estilo completamente diferente de cantar.

Orlando, para mim, foi e continua sendo o melhor cantor popular brasileiro de todos os tempos. Tinha tudo: facilidade de emissão vocal, brilho nos agudos, impecável interpretação, dicção perfeita, longa extensão de voz, sem pausas para respirar. Aquela mulatice, brejeirice e blandícia de cantar sambas; aquela suavidade lírica ao interpretar valsas... Fazia o que queria com a voz e com as músicas que interpretava.

Crosby, dentro do gênero musical norte-americano, parecia sempre que cantava com o cachimbo na boca.

A minha admiração por Orlando se explica. E por que Crosby, tão diferente? Ele próprio — Bing — deu a resposta que eu precisava numa entrevista sobre o longo e continuado sucesso de sua vida de cantor. Disse que cantava com a facilidade e despretensão como qualquer cidadão do seu país seria capaz de cantar.

Aí está.

Orlando é meu ídolo brasileiro porque era dono de uma voz e de uma interpretação notáveis; Crosby é minha admiração estrangeira porque, quando o ouço, tenho a certeza de que, com o meu inglês de pé quebrado, farei o mesmo, porque can-

tar é muito fácil. E sempre quebro a cara.

Então ouço Orlando Silva e me devaneio.

Então ouço Bing Crosby e tento mais uma vez em vão...

*Restauradores, 7 de julho de 1995, às 19h30.*

## FAZ 53 ANOS...

Há 53 anos exatos, no dia 7 de julho de 1942, às seis da manhã, morria meu pai, deitado numa rede armada na alcova da casa onde morávamos, em Fortaleza, à Rua Dona Teresa, 1302. O enfermeiro ao lado.

Minha mãe nos chamou a todos:

— O pai de vocês está morrendo...

Nós, os nove filhos (o mais velho, Manoel, andava pelo Rio), e mais a Dedé, querida agregada da família, ajoelhamo-nos em torno da rede e mamãe procurou fazer com que papai, rígido de movimentos e respirando com dificuldade, segurasse uma vela acesa. Não conseguiu. O mal de Parkinson acabava com o meu velho.

Ele segurava um frasco vazio na mão direita, que o enfermeiro, a custo, fez com que ele o agarrasse, abrindo-lhe os dedos com dificuldade.

Mamãe puxava o Padre-Nosso e nós respondíamos. A respiração do meu pai era desesperante. O enfermeiro, fardado da polícia militar, procurava ser útil de alguma forma diante daquele quadro e não sabia como.

Eu, com os livros ainda a meu lado, porque me preparara para ir ao Liceu do Ceará, onde cursava o segundo ano ginásial — eu não conseguia afastar meus olhos dos dedos do meu pai, agarrando, como se agarrasse a vida, aquele frasco de remédio vazio na mão direita.

E vi — lembro-me nitidamente — quando seus dedos se abriram, fáceis e entregues, e o vidro rolou para o chão.

O enfermeiro achegou-se:

—Morreu.

*Restauradores, 7 de julho de 1995, às 19h45.*

## ALERTA

Alerta vivificado  
da dimensão do meu peito  
me joga para as estrelas  
e não espera que eu caia

Esteio dos meus caminhos  
dos meus cavalos ligeiros  
me cirante na poeira  
e deixe que o vento me leve

Magia do meu desespero  
se nem desespero tenho  
não me magoe outra vez  
se não mereço o perdão

Assim é a cova rasa  
dos que passam como eu passo  
em tropéis e litánias  
sem estrelas cavalos e rezas

*Restauradores, 14 de julho de 1995, às 18h30.*

## CANTO DA MINHA TERRA

Todos cantam sua terra  
eu não vou cantar a minha  
deixem que ela lá me espere  
para o encontro repetido

O reencontro será meu canto  
épico sonoro lírico  
no simples abrir da porteira  
no meu olhar além dela

O gemido dos gonzos  
só o gemido  
é uma sinfonia eterna

O primeiro balido ouvido  
é expressão mais poética  
que todos os cantos heróicos  
que todos os hinos da Terra

*Restauradores, 14 de julho de 1995, às 18h50.*

## INTERROGAÇÕES

- Por onde andará Helena?
- Por onde andará Maria Ely?
- Por onde andará Araci?
- Por onde andará Marialva?
- Por onde andará Eugênia?
- Por onde andará Beth?
- Por onde andará Fátima?
- Por onde andará Clélia?

A tantas perguntas feitas  
que chovem dentro de mim  
apenas uma resposta tenho:  
— Só eu que estou aqui.

*Restauradores, 14 de julho de 1995, às 20h10.*

## PRIMEIRO LIVRO

Qual o primeiro livro que li na vida? Lembro-me bem do título: *Pelas Campinas e Matagais*. Não recordo o autor. Empréstou-me o Padre Teófilo, que dirigia as aulas de catecismo dos padres sacramentinos holandeses, da Igreja de São Benedito, em Fortaleza, lá pelos idos de 1940. Eu tinha os meus doze anos. Recordo que pela primeira vez tomei conhecimento da existência do Pantanal e da cidade de Corumbá. Havia uma canoa, ou barco grande, onde adultos e crianças decididos enfrentavam jacarés, cobras, os muitos perigos da região.

Nunca mais me esqueci desse livro “assustador”. E sempre

que falam em Corumbá, ou leio esse nome, imediatamente recorro o livro. E mais uma vez me vejo menino palpitando com os perigos tremendos que rondavam as personagens do livro. Para mim todas verdadeiras, de carne e osso, de um heroísmo e coragem de espantar.

Essa minha primeira leitura de um livro completo foi um susto. Talvez por isso a literatura para mim, embora nela medido há décadas, já tendo lido não sei quantos livros — milhares? — e publicado quase duas dezenas deles, sempre me assusta, esperando-me para o bote. E por mais que a procure dominar, com negações continuadas, aguardo dela o perigo, um tanto satânico, com grande medo da picada fatal.

*Restauradores, 14 de julho de 1995, às 19h30.*

## ESCRITA E TV

“— Vamos, amor?

— Você quer?

— Claro.”

Diálogo banal. Qualquer ficcionista barato, com um braço amarrado, escreveria essa tolice.

E quem ler isso vê o quê? Um universo de interrogações, sugestões, paixão, busca amorosa, um mundo de suspeitas ocultas.

A televisão, sozinha, sem se valer do texto escrito, não anda, não será capaz de sugestão alguma, como o minúsculo texto acima. Então por que a escrita é miseravelmente amesquinhada diante da boçalidade da imagem televisiva, se tudo parte do texto, das palavras, dos signos?

Roberto Marinho, Sílvio Santos e quejandos (lembram-se de *quejandos*?) têm a palavra.

*Restauradores, 14 de julho de 1995, às 19h50.*

## FUTEBOL

Do primeiro chute não me lembro  
De outros me lembro muito

Sofri com os chutes aloucados  
as bolas perdidas  
os passes errados

Mas fui bom de bola  
lá na infância distante  
não pelos elogios recebidos  
ou pelos gols que meti

Fui bom de bola  
porque aquele gol que fiz  
naquele goleiro sarará  
que me tomara a namorada na quermesse  
ninguém mais fará

*Restauradores, 21 de julho de 1995, às 19h15.*

## PESADA SEMANA

Semana pesada. O que escrevi? Uma *orelha* encomendada para um razoável livro de poesias. Um prefácio, também encomendado, para outro livro, igualmente razoável, de narrativas e poesias. Outro prefácio, escrito com prazer, para o livro de poemas de Maria José Viana, ainda sem título. Escrevi uma historinha para *O Estadinho*, encarte infantil de *O Estado de S. Paulo*. Não sei se publicam, porque acharam a história triste. Para crianças, pensam eles, só coisinhas alegres. Discordo. Para crianças a vida tal como ela é, embora mostrada com aquela leveza e cuidado para não assustá-las... Se é que se assuta criança hoje em dia. Bem... Que mais? Respondi várias cartas, agradecendo livros recebidos, trocando opiniões com amigos, essas coisas. E estou terminando a leitura do livro *A Injustiça que Revoltou os Deuses (a gênese do 'impeachment')*, de Genésio Lopes. Livro bem escrito. Apanhado muito interessante em defesa do ex-presidente Collor e contra a CPI que o cassou. O autor, para mostrar a incoerência humana, pega o fio da meada desde a antigüidade e vem trazendo, com bom conhecimento histórico, as quantas loucuras humanas, ditadas pelo egoísmo, até os nossos dias. Confronta CPIs desde Sócrates. Uma surpresa. O único ponto fraco do livro, a meu ver, é a paixão arrebatadora do autor, que o torna extremamente parcial. Não vê mais nada. Para defender Collor não precisaria fechar todos os visores e olhar apenas para o seu único foco de luz. Até futebol entra na dança e Tclê Santana é malhado, e o Parreira — logo o Parreira — exaltado. Essas recaídas febris fraturam o livro, que no todo é bom e curioso, e vale pelo talento narrativo e conhecimento histórico do autor.

E estou terminando a leitura, também, de *Estrelo*, um livro interessantíssimo de reminiscências, ainda inédito, de Luiz Cruz de Oliveira, belo escritor, sempre metido lá na sua cida-

de de Franca, enfrentando o isolamento, as adversidades e preconceitos contra as letras e comandando o barco, há anos, para dar um pouco de conhecimento literário à mocidade de lá. O Luiz Cruz nasceu mesmo para esse tipo de cruzada. Eu não teria disposição para tanto. É resistência demais. É heroísmo à besa.

O livro é uma beleza. Capítulos curtíssimos, pouco mais que uma página cada um deles, às vezes nem isso. E Cruz conta tudo, num poder de síntese notável.

Vou escrever a apresentação, com grande prazer.

Mas a semana termina e eu, para relaxar um pouco, tomo esta cerveja aqui no *Restauradores*. Outros fregueses bebem e comem.

E não apareceu, até agora, o meu amigo presbiteriano — amizade ocasional feita aqui — que chega sempre sorrindo e puxa conversa. Nem sei o seu nome. Sempre que aparece conta-me lances da sua infância no interior paulista e falamos de religião com muito espírito democrático. Ele, sempre que provoca, desce a lenha na Igreja Universal do Reino de Deus, um bando de picaretas, afirma. Pede a minha opinião, logo a mim, um ineréu. O que posso responder? Balanço a cabeça, confirmando, e peço a ele que me fale dos presbiterianos. Ouço-o sempre com muita atenção, porque uma das minhas paixões, desde o tempo em que fui católico fervoroso, na mocidade, é falar de coisas do além. Tenho as religiões como assunto fascinante. Sempre que posso, leio alguma coisa sobre elas, e saio da leitura cada vez mais desistente.

Ah, a Clélia chegou de Portugal, telefonou-me, trouxe-me um presente.

E mais um gole para continuar relaxando. Não está melhor porque o frio voltou, depois de duas semanas de calor agradável, e a garoa, continuada e irritante, cai lá fora.

Como vêem, São Paulo, vez por outra, volta a ser São Paulo.

*Restauradores, 4 de agosto de 1995, às 18h35.*

## NA REUNIÃO

Ontem, durante a reunião noturna — não digo onde nem para tratar de quê — ela, à minha frente, coxas roliças e alvas como leite, cruzou as pernas e vi-lhe a calcinha. Uma visão rápida e relampejante. Suficiente para que a descarga elétrica me descesse pela espinha e chegasse lá. E eu, nos meus sessenta e seis anos, cruzei também as pernas, mas para que não vissem outra coisa, bem mais desagradável aos olhos de todos os presentes. Ê, seu Caio, você ainda é disso? Pois é. A juventude às vezes nos surpreende nos momentos mais imprevistos.

Agora, neste instante, pensando nela e no seu cruzar de pernas, não sinto absolutamente nada. Tudo quieto, tudo murcho, tudo sem vida.

Não é trágico?

*Restauradores, 4 de agosto de 1995, às 18h40.*

## AQUELA NOITE

Uma noite, uma noite apenas, dormi em Maranguape, no Ceará, cidadezinha agradável, próxima de Fortaleza, terra do Chico Anísio. Dormi em rede, numa pensão pobre, depois de uma gandaia pelas ruas com os amigos, todos meio bêbados.

Em que ano isto? Lá por volta de 1946. Sei porque, trocando pernas, saí cantando rua afora, as famílias sentadas em cadeiras nas calçadas, e eu berrando uma música em voga, daquele ano, gravada pelo Orlando Silva:

*Não me deixe sozinho  
senão fracassarei...*

O meu irmão Hesíodo, que fazia parte do bando, reclamou:  
— Todo o mundo tá te olhando. Cala a boca.

Que olhassem. A noite era linda, a minha voz devia ser uma beleza.

Logo mais eu cairia na rede, roncaria até o dia seguinte, e voltaria ressaqueado para Fortaleza. Mas alegre e feliz.

*Restauradores, 4 de agosto de 1995, às 18h50.*

## HOMENAGEM AO SERESTEIRO

Andei lendo o livro *Roberto Martins — Uma Legenda da Música Popular*, de Lauro Gomes de Araújo. Pesquisa muito bem feita. Conteí as músicas do compositor gravadas por Orlando Silva: 10. Por Gilberto Alves: 42. Por Carlos Galhardo: 44.

O que me surpreendeu é que Roberto Paiva, o modesto e esquecido Roberto Paiva, gravou quase duas dezenas de composições de Roberto Martins. Grande cantor romântico, embora tenha levado ao disco todos os gêneros da época, Roberto Paiva nunca conseguiu maior destaque dentro do panorama da música popular brasileira. Citam dele meia dúzia de interpretações, se tanto. E se esquecem de tantas outras coisas boas, sucessos na ocasião, desaparecidas de todo. Uma delas:

*Num galho de acácias amarelas  
uma aranha fez a sua teia...*

Ou esta bela página de Leonel de Azevedo:

*Cigarra, que nas tardes lindas de verão,  
quando o sol no horizonte aos poncos vai  
morrendo...*

Nunca mais me esquecerei daquela namorada, naquela quermesse, na Praça São Sebastião, em Fortaleza. Fazia questão que eu fosse à irradiadora, pagasse cinco tostões, para que ela ouvisse mais uma vez:

*Cigarra, que nas tardes lindas de verão...*

Sempre que ouço essa valsa, naquela voz suave e ligeiramente fanhosa, vejo o sorriso dela vindo do fundo do passado e quase me dando um beijo.

Isto para mim é tudo, grande Roberto Paiva.

*Restauradores, 4 de agosto de 1995, às 19h05.*

## POEMA OCULTO

Vou fazer um poema.  
Começemos por aqui.  
Bem.  
Eis o primeiro verso.  
Não, não está bom.  
Reiniciemos.  
Pronto.  
Vamos ver.  
Agora, sim.  
Vai... vai...  
Está ótimo.  
De uma assentada.  
Perfeito.  
Que talento, seu Caio.  
Que lampejo mágico.  
Está prontinho.  
Excelente.  
É isso aí...

*Restauradores, 4 de agosto de 1995, às 19h30.*

## ESCREVER

Clarice Lispector dizia que escrevia para se conhecer. Pois eu escrevo porque me conheço. O ato de escrever para ela era uma auto-análise, a descoberta da outra, irrelatada.

Eu, como me conheço, escrevo porque sei que, por mais que me analise ou analise as minhas possíveis potencialidades criadoras, essencialmente e afluivamente girarei em torno do *eu* primeiro. Por mais que me liberte das cascas grossas que me cobrem, encontrarei sempre, irremediavelmente, o mesmo *eu*, lá dentro, esperando-me e advertindo-me de que de nada me adiantará fugir.

Então a minha briga, sem êxito, é para fugir de mim mesmo.

Em vão.

*Restauradores, 12 de agosto de 1995, às 18h50.*

## CAPINZAL

Eu a peguei pela mão e corremos, corremos. Paramos distante de casa, à sombra de uma árvore. Encostei-a ao tronco rugoso e comecei, sofregamente, a levantar-lhe o vestido e a introduzir a mão por dentro da sua calcinha. Cheguei lá, os pêlos crespos queimando-me os dedos. Ela cruzou as pernas, instintivamente, afluente:

— Não, não.

Beijei-lhe o pescoço, mordisquei-lhe a orelha, a outra mão caminhou para os seus seios duros sob o tecido leve. Ela se defendia:

— Não, não.

Ao tentar jogá-la no chão, ouvimos quebrar de gravetos e,

num segundo, voltamos a nos mostrar aos olhos do tio como duas inocentes crianças.

— Vocês viram passar por aqui um novilho malhado?

A minha resposta foi igual às negativas dela:

— Não, não.

Ele se foi, laço na mão, e o silêncio e o vento voltaram, convidativos. Olhamo-nos. Ela sorriu e correu para casa.

Continuei ali vendo-a perder-se na distância, surgindo e desaparecendo no meio do capinzal.

Chutei a pedra, sentei-me na grossa raiz da árvore e, sem o que fazer, comecei a mascar lentamente um talo seco de capim.

*Restauradores, 12 de agosto de 1995, às 19h02.*

## TRÊS AUSÊNCIAS

1. Informaram-me de Fortaleza:

— O Cláudio Martins morreu.

Vi imediatamente o Cláudio, à beira da piscina, na casa do meu irmão João Batista, tomando fôlego para mais um mergulho. Há muitos anos.

2. Informaram-me de Fortaleza:

— O Mozart Soriano Aderaldo morreu.

Vi imediatamente o Mozart conversando comigo na Academia Cearense de Letras, na antiga sede do Palácio do Progresso, descrevendo-me, detalhadamente, como era a Praça do Ferreira do século passado, prédio por prédio.

3. Informaram-me de Fortaleza:

— O Osmundo Pontes morreu.

Vi imediatamente o Osmundo, no seu jeito espigado, à noite, na Academia, meio surpreso, abraçando-me: “Quando você chegou de São Paulo?”

Descubro que a primeira lembrança de alguém, ao impacto de uma notícia inesperada, é igualmente inesperada e surpreendente.

*Restauradores, 12 de agosto de 1995, às 19h10.*

## A CONQUISTA

*(Drama em Cinco Atos)*

1° ATO:

O Amigo — Vai mesmo comer aquela garota?

O Amigo do Amigo — Claro.

2° ATO:

O Amigo — Já comeu?

O Amigo do Amigo — Ainda não.

3° ATO:

O Amigo — E então?

O Amigo do Amigo — Não está fácil.

4° ATO:

O Amigo — E agora?

O Amigo do Amigo — Está difícil pra caralho.

5° ATO:

O Amigo — Conseguiu?

O Amigo do Amigo — Não quero nada com aquela vaca.

*(Cai o pano)*

*Restauradores, 12 de agosto de 1995, às 19h30.*

## O ZÉ

Escrevi, outro dia, um depoimento sobre o José Mauro de Vasconcelos, para uma homenagem que lhe será prestada na cidade de Indaial, em Santa Catarina. Procurei, a muito custo, sintetizar a minha convivência com o Zé. Escrevi muita coisa e quase nada. Porque para falar de uma criatura sensível como foi José Mauro não é fácil.

Éramos muito amigos. Guardo dele saudosas lembranças. Tivemos discussões ásperas, porque eu enfrentava o seu narcisismo exacerbado. E quem sabe por isto ele gostasse de mim.

Um dia, talvez, venha a contar melhor a minha convivência com o Zé. Não era fácil conviver com ele. Pichava todo o mundo, com aquela voz calma, e não permitia que se dissesse *vírgula* contra qualquer passagem de um dos seus livros. A crítica descia-lhe o cacete, particularmente o Leo Gilson Ribeiro, que o atacava por tudo e por nada. Ele engolia em silêncio para devolver, em dobro, na primeira oportunidade.

Certa feita o Josué Montello entrou na UBE à noite, pálido e nervoso:

— Acho que o José Mauro de Vasconcelos não está bom da cabeça. Fui cumprimentá-lo, na Livraria Teixeira, e ele me saiu com quatro pedras na mão, fazendo referência a uma nota crítica que fiz sobre um dos seus livros, coisa de que nem me lembrava mais.

Ele era assim. Entrou na secretaria da entidade, aproximou-se de mim, e, sem quê nem para quê, falou para que todos ouvissem:

— Caio, não se chateie comigo, mas aquele seu romancinho *O Sal da Terra* é uma bosta.

— Vá tomar no rabo, Zé.

Um dia, quem sabe, contarei minha convivência com ele. Era um menino, sensibilidade de pilha. Aparência calma, um

poço insondável de complexos acumulados talvez da vida aventureira que levava. Um solitário. Agredia e ia às lágrimas com a maior facilidade.

Chegou um dia de Porto Alegre e me contou, vermelho de cólera:

— Veja você. Telefonei para o Érico Veríssimo para visitá-lo e ele me disse para procurá-lo à tarde, porque estava fazendo repouso devido ao seu enfarte. Quem ele pensa que é? Não podia me receber deitado?

Era assim o Zé. Sensível e humano. Basta este gesto dele, pouco antes de sofrer uma isquemia cerebral que o paralisou quase totalmente e o levou à morte alguns meses depois: chamou-me à parte, na secretaria da União Brasileira de Escritores, e me entregou umas três folhas de velhos papéis amarelados.

— O que é isto, Zé?

— Tome para você. Este foi o primeiro conto, o primeiro trabalho de ficção que escrevi na vida. Nunca publiquei. É seu. Rasgue, se quiser.

Publiquei-o depois no *D.O. Leitura* de São Paulo. Está comigo.

*Restauradores, 12 de agosto de 1995, às 19h45.*

## MESA DE BAR

Esta mesa de bar  
Serve para beber  
Serve para conversar  
Serve para escrever  
Serve para comer  
Serve para matutar  
Serve para observar  
Serve para nada fazer  
    mão no queixo  
    olhar perdido  
    que ela  
    mesa apenas  
    suporta tudo  
    no seu silêncio de mesa

*Restauradores, 25 de agosto de 1995.*

## MOMENTO

Apenas observo. Ali em frente dois bebem e conversam, um monte de garrafas vazias sobre a mesa. Atrás, três mesas juntas, garrafas, pratos com tira-gosto, uma roda grande de fregueses, moças e rapazes em conversa tumultuada. Junto ao balcão, em pé ou sentados nos bancos redondos de um só apoio, muitos se acotovelam, bebem e comem. Passa uma moça, bunda respeitável. De certo uma puta, uma bela puta. Ri para um, para outro. Olho-a. Olha-me e me solta um sorriso.

E o ruído surdo e tumultuado das conversas.

O que mais?

*Restauradores, 25 de agosto de 1995, às 19h03.*

## O AMIGO SYLVIO MONTEIRO

O Sylvio Monteiro faleceu no Rio, onde viveu os últimos anos sozinho, separado da mulher, às custas do velho pai, reformado da Polícia Estadual. Bom amigo. Disciplinado. Às vezes renitente como uma mula. Culto. Supria a sua pouca agilidade mental estudando sem parar. Conhecia profundamente a língua portuguesa. Quase um filólogo. Professor de inglês e alemão. Lia e escrevia bem o francês. Traduziu vários livros dos três idiomas. Publicou outros de sua autoria, destacando-se o que alcançou grande vendagem: *Português Básico para Estrangeiros*.

No seu andar gingado, mais baixo que alto, forte, óculos de aro de tartaruga, sério e cortês. Bebia diariamente, com a mesma correção e disciplina. Nunca o vi bêbado. Sem filho, não foi lá muito feliz com a dona Consuelo.

No fundo, um solitário. Não era dado a demasias e sua sensibilidade artística era quase nula. Não via arte em nada, embora conhecesse *Os Lusíadas* de Camões quase de cor. Adorava Castro Alves. Mas — via-se bem — a ressonância das rimas era o que o empolgava. Só encontrava sentido no lado prático da vida, atitude quase militar, filho de policial que era.

Tinha, porém, uma grande virtude: adorava os inferninhos, as boates pobres, e conversava muito com as garotas de programa. Juntos, freqüentamos muito o *Áurea*, boatezinha meio escondida, na Rua Aurora, ponto dos menos endinheirados dos escritórios do centro de São Paulo, das décadas de 60 e 70. Às vezes íamos lá com outros amigos. No *Áurea* mandávamos. Pendurávamos contas altas, que íamos pagando como podíamos, e farreávamos até de madrugada com um monte de garotas.

No dia seguinte, lá estava ele na biblioteca da União Brasileira de Escritores, onde dispunha de espaço cedido pela diretoria, da qual fazia parte, para escrever, traduzir e organizar

suas aulas. Concentrado, engravatado, cara metida nos livros.

Chegou a começar um romance — *Louise* — fruto de uma paixão meio platônica por uma francesinha do mesmo nome. Li alguns capítulos. Horríveis.

As noitadas se repetiam e nunca cansávamos. Ele terminava o trabalho na biblioteca ou chegava de uma de suas aulas, entrava na secretaria da entidade, fazia-me sinal:

— Vamos lá?

E lá íamos, calados, ele no seu andar gingado, passos firmes, para mais uma noite com as meninas que nos esperavam com beijos.

Como foi bom.

*Restauradores, 25 de agosto de 1995, às 19h15.*

## MARLENE

Não há coisa mais comovedora do que uma puta à espera. Nas ruas, nos bares, nas boates pobres. Sobretudo nas boates pobres, onde exibem uma disfarçada e falsa elegância.

Um dia, no *Stick*, boatezinha que abria aos sábados à tarde, no primeiro andar do prédio onde funcionou o elegante restaurante *Vienense*, muito freqüentado por Mário e Oswald de Andrade, próximo da Praça da República, pisquei o olho para uma delas:

— Você é linda.

Ela acreditou, naquele sábado ensolarado. E eu, dois ou três uísques na cuca, que já vinha de um almoço com amigos, também acreditei.

Chamava-se Marlene. Guardo dela uma foto, exibindo as pernas bem feitas. Foram meses, mais de ano de enrabichamento. Não me tomou muito dinheiro, que eu tinha pouco. Tomava dos outros clientes. Quando íamos para o quarto, quase às quedas, queria apenas ser abraçada. Tinha qualquer coisa de infantil. Eu gostava disso.

— Me abrace, bem. Só abraçar.

Eu dormia feliz.

O tempo correu, ela passou a viver firme com um sujeito qualquer, organizou melhor a vida, disciplinei melhor a minha.

Um dia, ela entrou na minha sala, elegante de verdade, sentou-se à minha frente, sorriu:

— Como vai, bem?

— Indo. E você?

— Também.

— Nunca mais a gente se viu, hem.

— É.

Mais três ou quatro palavras. Despediu-se.

Foi a última vez.

*Restauradores, 25 de agosto de 1995, às 19h30.*

## VEM-VEM

Como o Vem-Vem cantava bem, lá na Fortaleza dos inícios dos anos 50. Repertório do Orlando Silva.

Certo dia, noitinha, lá em casa, no pequeno alpendre de entrada, Milton Alves ao violão, ele cantou para todo o quarteirão ouvir:

*Uma saudade a mais...*

*Uma esperança a menos...*

O Milton Alves, além de excelente violonista, era um melodista notável. Compôs várias músicas lindíssimas, que nunca foram gravadas e nem apareceram porque, boêmio como era, pouco estava se importando com isto. Pus letra num samba-canção de sua autoria. Guardo de cor. Um dia eu mesmo o gravarei, em fita-cassete, com esta minha voz de bosta que Deus me deu, para homenagear o amigo que já se foi.

Pois o Vem-Vem, de boa família da classe média da cidade, cujo apelido vinha do seu trinado vocal, depois de cantar a bela canção não se conformou:

— Gente, o Orlando está em Fortaleza, vocês sabem disso, e não canta mais nada. Como é que um cara tão novo como ele perde a voz?...

Orlando Silva fazia uma temporada na PRE-9, a mais antiga emissora de Fortaleza, e, apesar das multidões que acorriam à emissora ou se juntavam junto aos rádios para ouvi-lo, ele era uma pálida lembrança do que fora.

Vem-Vem, batendo no braço da cadeira, perdia a paciência:

— Por que esse cara não parou? Será que ele não vê que não é mais o mesmo?

O Milton, ponderado, contestava:

— Mantém a mesma categoria, Vem-Vem.

— Que nada! É um descarado.

Foi embora aborrecido e o Milton, com aquela calma, de uma sensibilidade artística invejável, voltou a ponderar, uma ponderação que até hoje me convence:

— O diabo é a comparação. Orlando continua um grande cantor. Agora: comparar o grande cantor que é com o cantor excepcional que foi, não dá...

Saí com esta tirada:

— Orlando está sendo vítima dele mesmo.

O silêncio de todos convenceu-me de que a minha afirmação não fora apenas verdadeira, mas quem sabe linda...

*Restauradores, 25 de agosto de 1995, às 19h50.*

## O AMIGO ENXADRISTA

Acabei de bater um papo com o Hélder Câmara. Irmão do Ronald e do Christiano, filho do jornalista Gilberto Câmara e sobrinho de D. Hélder Câmara.

O Hélder, mestre internacional de xadrez, de uma família de enxadristas cearenses, conseguiu um feito notável: há anos não põe uma gota de álcool na boca, ele que gostava de uma boêmia alegre e divertida. O irmão Ronald sempre foi um incentivador e esforçado relações-públicas do xadrez. Relacionou-se com meio mundo do mundo enxadrístico e é nome de respeito na FIDE. Autor de um livro excelente sobre a nobre arte — *Peões na Sétima* —, de 1960, que comentei com satisfação. Vem com outro aí — *No mundo dos Trebelhos* — mais abrangente e mais pessoal.

Christiano é completo doutor em música popular brasileira. Não vou a Fortaleza sem visitá-lo e extasiar-me, mais uma vez, com o seu arquivo de discos, fotos, documentos, o diabo, sobre o assunto. Apaixona-se e rasga o verbo quando descobre qualquer falha das velhas orquestras, qualquer errinho na interpretação dos cantores ou um deslize sequer na letra de uma musiquinha carnavalesca. Atento a tudo. É um traço de todos os irmãos Câmara: o perfeccionismo.

Hélder freqüentou muito a minha casa, em Fortaleza, nos anos 50, quando fiquei tuberculoso. Passou a me visitar quase diariamente na *Pensão Beiramar*, quando minha família veio para São Paulo e lá fiquei sozinho mais alguns meses, consolidando a cura.

Ele acompanhou todos nós até o cais, no Mucuripe, para assistir ao embarque da turma. Depois, sozinhos (eu com saudade dos meus e ele meio estafado porque passara a noite numa serenata), fomos diretos a uma pensão de putas, um pobre casebre perdido nos areais do Mucuripe, eu completamente esquecido de que estava saindo de uma doença traiçoeira e me-

donha, razão primeira da transferência da família para o Sul. Ele trepou, eu não. Depois ele e a mulher discutiram sobre o pagamento e fomos embora.

Bem. Minha convivência com o Hélder não cabe num rasquinho de bar. Pede quase um livro.

*Restauradores, 1º de setembro de 1995, às 19h25.*

## O UTOPISTA

Estou relendo *A Utopia*, de Thomas Morus. O pequeno ensaio que abre o livro, do professor Mauro Brandão Lopes, situa-o na Renascença e dentro do espírito humanista que efervescia na época. Mas não sei se o coloca tão bem assim na comparação que faz de Morus com Maquiavel e Erasmo. Morus permaneceu numa posição muito pessoal diante da objetividade clássica, da herança medieval e da especulação humanista dos grandes cérebros de então. A sua amizade com Erasmo não o afastou de suas decisões personalíssimas quanto ao caminho a seguir. Para além da sua religiosidade e formação humanista, era um homem deslocado no tempo. A sua crítica contundente à Inglaterra seiscentista é quase panfletária.

A Igreja Católica, agindo politicamente, pelo fato de Morus ter-se rebelado não tanto contra a Igreja Anglicana mas contra a vida dissoluta de Henrique VIII, a quem servira como chanceler, santificou-o. Morus, porém, nada tinha de santo ou de vida excepcional que o fizesse merecer isto. A sua batalha, firme e silenciosa, contra o rei foi apenas a de um homem em defesa de suas idéias muito mais éticas que religiosas.

Morus, com *A Utopia*, visualizou um mundo mais sã, tal qual viram os socialistas de todos os matizes e tal qual se luta hoje, embora com armas e métodos diferentes, que outro é o mundo, contra a hegemonia de meia dúzia de países ricos, montados na fortuna, e o resto do mundo nas aflições da miséria.

Admiro Morus não apenas por esse livro. Admiro-o por alguma coisa mais, que não vejo claramente nas entrelinhas da obra, mas que sinto, vibrantemente, de uma pujança e palpitação que se transmudam em acusação medonha contra a própria humanidade.

Para além do que ele pensou, para além do que ele escreveu e desejou, vejo nele um dos sinais sensíveis de uma revolução que até agora não aconteceu...

Aí, sim, a sua santidade.

*Restauradores, 1º de setembro de 1995, às 20 horas.*

## AS DUAS

Faz algumas semanas que nada escrevo aqui no *Restauradores*. Sempre aparece um amigo ou já chego com alguns deles. Hoje, por exemplo, vem a Rosani Abul Adal, diretora do jornal literário *Linguagem Viva*. Vou ler e comentar algumas poesias dela. Excelente amiga e companheira para uma noite com cervejinha. Adorável.

Numa das sextas-feiras passadas eu trouxe a Maria José Viana (Zezé, como a chamo), também para comentarmos um livro de poesias que ela está preparando. Chamo-a de *porra louca*. Discutimos muito porque vive metida nas agitações dessa esquerda ultrapassada, extremada, e faz poesias panfletárias, quase mandando o governo à merda. Ela me chama de *conservador* — avaliem! — e eu a chamo de *desvairada*. Deixando à parte, porém, a sua “revolução”, é uma criatura meiga e sensível.

Rosani é outra personalidade. Carinhosa, de uma força de vontade invejável. Sempre alegre e sabe o que quer. Mas quando se sente ferida e parte para esculhambar alguém... sai da frente.

Larga a merda dessa “revolução”, Zezé, que do jeito que você quer ela não vem.

Segura a peteca do *Linguagem Viva*, Rosani.

*Restauradores, 6 de outubro de 1995, às 18h25.*

## MÃOS E DEDOS

Olho minhas mãos.

Olho meus dedos.

Elas e eles um dia não estarão mais aqui.

Irão comigo para o céu, para o inferno ou para o nada, o mais provável.

Os gestos que minhas mãos fizeram, durante tantos anos, são acenos (quase naufrágios) do passado. Que frase tola!

Por que, meu Deus, elas, lá na Fortaleza da juventude, não acariciaram os cabelos da Helena, o rosto da Helena, os seios da Helena?

Elas, aqui diante de mim, aquietam-se e nada me respondem.

E Helena, por onde andará?

Viver o passado, revivê-lo, vale a pena?

Ele nos vem, loucamente nos prende, e nos entristece.

E esta mão que escreve, estes dedos que seguram a esférica, talvez concordando, talvez discordando, talvez só de tédio, abandonam o papel e jogam a caneta para o lado...

*Restauradores, 6 de outubro de 1995, às 18h30.*

## DEMÔNIO À SOLTA

Sexta-feira, 13. Morta. Cidade quase parada. Ontem, quinta, 12 de outubro, foi feriado nacional. Dia de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, proclamada como tal em 1930 pelo Papa Pio XI. Hoje também é Dia da Criança. Poderia ter sido apenas um feriado bonito, com muitas orações por parte dos fiéis e muitos projetos de ajuda e solução para o problema gravíssimo do menor abandonado.

Como, porém, o brasileiro nunca foi de ferro, juntaram o feriado de quinta com esta sexta e mais o final de semana e transformaram o pacote em feriadão. Já se tornou hábito e entrou para a nossa cultura. Os senhores deputados, lá em Brasília, confirmam isto. Teremos, pois, quatro dias de Brasil de pernas para o ar.

A avalanche dos que desceram para as praias do litoral foi enorme. Que diga o trânsito das rodoviárias, congestionamento de quilômetros.

Fiquei aqui. Gosto de São Paulo assim meio deserta, tranqüila. Tenho muito o que ler e escrever. Até televisão verei pouco.

Ontem, em quase todos os canais, houve transmissões monótonas de festas religiosas, particularmente a romaria à cidade de Aparecida do Norte, visita à Mãe Padroeira, pescada do fundo do Rio Paraíba há mais de duzentos anos.

A TV Record, do bispo Macedo (quem lhe deu o título de tão alta distinção religiosa?), espumou de raiva. À noite, durante o programa 25ª Hora, de debates, o pastor Ronaldo Didini não se conformou com o feriado:

— Por que feriado? Por que essa primazia da Igreja Católica? Um absurdo. São muitos os cultos, muitas as religiões. Por que o feriado ditado por uma só igreja? Por que o privilégio? O país, parado, é quem perde com isto.

Na mesma TV, num dos seus programas religiosos, ao nas-

cer do dia, um outro pastor, apoplético, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, verberando:

— É idolatria. Essa imagem não faz milagre coisa nenhuma. É um pedaço de pau. Somos contra esse tipo de idolatria. E por aí afora...

Embora de formação católica e de bom conhecimento da doutrina cristã, aprendida com os padres sacramentinos holandeses, em Fortaleza, perdi a fé muito cedo. Li muito sobre história das religiões. Acho o Corão lindo, pequenos hinos nas suas diversas suratas.

E se consolida mais e mais em mim a convicção de que todas as manifestações religiosas nada têm de sagradas e santas. Céu, inferno... um monte de fantasias. Cristo filho de Deus? Maomé profeta de Deus? Judeus à espera do enviado de Deus? Como o homem necessita de uma escapatória desta miserável vida terrena...

Mas respeito, sempre respeitei, a crença de qualquer um. Fui de muita fé. E sei que a fé é um sentimento bastante sensível e profundo. Ferir a fé de alguém é um insulto inominável. Calo-me ou procuro mudar de assunto diante de qualquer discussão sobre o tema. Sempre afirmci que discutir sobre religião e futebol não convence ninguém, quando não sai briga. E fere muito.

Perdi minha fé mas mantive o meu sentimento contemplativo. Entro em qualquer templo religioso — católico, protestante tradicional, evangélico (nas suas mais variadas correntes), muçulmano, ortodoxo, judeu, de qualquer religião ou seita, enfim, por mais primitiva que seja — e uma quietude me desce como um bálsamo. Conservo-me silencioso. E, se não rezo, sinto nesses lugares uma aura diferente, quase transcendental. E saio de qualquer um deles renovado.

Se eu encontrasse um tótem sagrado de um bosquimano africano, recolhê-lo-ia com muito cuidado e respeito e procuraria devolvê-lo ao primeiro crente dele com um sorriso de carinho.

Pois esse pastor de fiéis — que certamente nem se sairia bem como pastor de animais — insultou estupidamente,

selvagemmente, o sentimento de milhões de brasileiros. Esse indivíduo me insultou. Não creio em veneração de santos, como não creio, muito menos ainda, nessa oração do meio-dia da igreja do tal pastor, com um copo d'água à frente dos telespectadores, esbravejada num português primário, chamando Deus para curar doentes inominados, como se Deus, o deus dele, fosse surdo.

Nunca vi, em toda a minha vida, barbaridade tão grande. Aonde vão parar tais agressões? Esse imbecil, travestido de pastor, não sabe, por acaso, que a religião católica, bem ou mal, acompanhou a formação cultural do país, desde a primeira missa celebrada no dia do descobrimento? Não sabe ele, para além da fé, que a ressonância católica entranha-se na formação da nossa cultura e da nossa nacionalidade, e que não se tira isso a pontapés? Não sabe ele que toda a arte barroca, que varou duzentos anos, alicerçou-se nas imagens? Aquele copo d'água, durante a oração do meio-dia, cercado de rosas, para dar um visual de santidade, não é um tótem? Já pensaram se alguém desse um chute no copo e derramasse a água o que esse pastor e seus iguais não berrariam?

Existem os debates sérios. Existem os caminhos civilizados de convencimento para quaisquer das religiões. Se a imagem de Nossa Senhora ou de qualquer santo nada significa, o que significará a Bíblia, com suas metáforas e parábolas (examinada exaustivamente pelos exegetas há dois mil anos), nas mãos desse idiota? Um livro de fé ou uma arma medieval para conduzir, como rebanho ao aprisco, os doadores de óbulos e pobres de espírito à “salvação”?

Se a Igreja Universal do Reino de Deus visa de fato aproximar-se mais de Deus do que do dinheiro, por que não joga no caldeirão do inferno esse demônio que por aí anda solto, babando o seu ódio e ferindo o sentimento de tanta gente? Se ela fizer isto, juro que passo a acreditar pelo menos no Inferno...

*Restauradores, 13 de outubro de 1995, às 19h30.*

## TERCEIRO TEMPO

Estou para começar o “terceiro tempo” das minhas memórias. O “segundo”, que vai dos meus cinco aos dez anos de idade, está pronto.

Cadê disposição para continuar? Tenho tudo esquematizado na cabeça. E estou sempre adiando. Será um dos períodos mais difíceis para escrever — quero crer — porque alcançará a minha puberdade e juventude. E tenho dessa época um mundo de coisas sentidas e vividas, um mundo de coisas da Fortaleza de então. E quero contar tudo o mais fielmente possível.

Coragem, seu Caio. Por que o desânimo?

Sei lá. Talvez seja culpa desta cervejinha que me enfrenta e me espera.

Chove lá fora, uma chuvinha continuada que, se eu fosse qualificá-la em linguagem do meu tempo, lá em Fortaleza, eu a chamaria de *paulificante*.

Veremos quando meterei os peitos no “terceiro tempo”.

Veremos.

*Restauradores, 13 de outubro de 1995, às 19h55.*

## O MARCO

Algumas frases apenas, para não passar despercebida esta sexta-feira calorenta, à semelhança do calor lá da minha terra, nesta época do ano.

O jornal *A Tarde*, de Salvador, no seu suplemento turístico, aqui à minha frente sobre a mesa do bar, mostra, em fotos coloridas, as praias de Fortaleza, os hotéis e edifícios da orla marítima, e a Praça do Ferreira, fericamente iluminada, que a foto fora batida à noite. A Praça remoçada depois do desastre, de estética exótica, que fizeram nela.

Ah, eu ia falar da Praça do meu tempo. Mas chegaram agora os amigos e eu, embora cheio de saudade dela, paro por aqui...

Mas volto agora, duas horas depois de conversa animada com o enxadrista e quase irmão Hélder Câmara e com o poeta J.B. Sayeg, muita cerveja e tira-gosto. Tento reatar o que pretendia dizer da minha querida Praça.

Eles se foram e eu, sem gás, nada tenho a dizer.

Então olho para o copo de cerveja, para o pratinho com pedacinhos de queijo, e me pergunto apenas: “Minha praça, remoçada, renovada, é espelho visível do que ela foi, com a sua Coluna da Hora?” Não sei.

Aquela Coluna da Hora, a anterior, e não esta nova, foi o marco mais presente, visível e amável para cada cearense desgarrado da sua cidade, alma e coração da minha Fortaleza perdida.

E ela se foi...

*Restauradores, 27 de outubro de 1995, às 21h10.*

## RETORNO AO LAR

Eu, nesta idade, neste momento, estou com uma violenta vontade de transar. Boate novamente? Meu amor anda em férias lá para os lados de Santos. Fazer o quê? Noutros tempos eu iria a um inferninho qualquer, pegaria uma menina e... vamos nós!

Hoje, além da idade que avança, está aí a AIDS.

Então, seu Caio, vá para casa.

*Restauradores, 27 de outubro de 1995, às 21h13.*

## ILUSÃO

Pensei um dia  
que nunca pensaria  
que sem alma  
sem apelo  
sem amor  
sem Deus  
eu me reviveria de mim mesmo  
e me aquietaria  
das ilusões inconstantes  
maiores que a ilusão perdida  
menor que a ilusão em si.

*Restauradores, 27 de outubro de 1995, às 21h15.*

## O MARROCOS

Estou chegando do Cine Marrocos. Hoje ele é, em São Paulo, um dos muitos cinemas em triste decadência. Apenas sua entrada e saguão guardam ainda lembrança do fausto do passado.

Quando vim a São Paulo, pela primeira vez, em 1952, meu irmão Hesíodo levou-me para conhecer o Cine Marrocos. Fiquei deslumbrado com toda aquela beleza, iluminação feérica, público bem-vestido da melhor sociedade paulistana. Fortaleza ainda não tinha nem o Cine São Luís que, para a época, viria a ser muito *chic*, mas que não chegaria, de longe, a comparar-se com os melhores cinemas do Sul. O melhor, na minha terra, era o Cine Diogo, a fazer pena diante da imponência do Marrocos.

Freqüentei o Marrocos anos seguidos e dele me afastei quando o público dele se afastou, à procura dos confortáveis cinemas espalhados pelos muitos *shopping-centers* da cidade.

Uma ou outra vez entrei nele, sozinho ou acompanhado de uma menina de ocasião. As pulgas encontraram ótima acolhida para se multiplicarem aos milhares nas poltronas puídas e quebradas, que rangem e rangem, cansadas dos pesos suportados ao correr do tempo.

Decaiu tanto o Marrocos que, para receber algum público, passou a exhibir filmes pornográficos. A parte superior, confortabilíssima no passado, transformou-se em outro cinema minha mambembe, filho bastardo do seu pai em decrepitude.

Assisti, ao longo da minha vida, dois ou três filmes de putaria neste Marrocos que se avacalhou depois de velho. Mas, de poucos anos para cá, talvez porque o seu passado seja de muito respeito, voltaram a programar filmes comuns, desses que passam aos montes nos canais de televisão.

Hoje, nesta sexta-feira meio morta, impressada entre o Finais de ontem e o sábado de amanhã, li no jornal que estava

em exibição no Marrocos um filme espanhol. Pelo sim e pelo não, porque muito pouco conheço do cinema espanhol, voltei ao Marrocos. Filme banal, meia dúzia de cabeças perdidas no mar de velhas poltronas. Vi o filme com tédio, examinando mais aquelas rasgadas cadeiras de marroquim vermelho, estofados surgindo, como velhas espumas brancas e sujas, dos muitos buracos, e olhando para aquelas paredes altíssimas, de reboco enodoado. Uma ou outra pessoa entrava e saía.

Tive pena do grande Marrocos. E grande saudade daquela noite muito iluminada, um mundo de pessoas elegantes, aguardando, no luxuoso saguão, o início da sessão seguinte.

Ao sair dele, o velho homem da roleta cochilava. A velha da bilheteria cochilava. Uma chavinha irritante lá fora completava o quadro de desânimo total.

Cocei-me debaixo do braço, cocei-me na altura do joelho, nas nádegas, certo de que trouxera comigo algumas companheiras importunas.

*Restauradores, 3 de novembro de 1995, às 19h30.*

## PARCEIRO IGNORADO

Não sei por que me veio agora, no meio de toda esta balbúrdia, o velho e bem ritmado samba *Preconceito*, de Marino Pinto e Wilson Batista, gravado pelo Orlando Silva lá pelos idos de 1941:

*Eu Nasci num clima quente...  
Você diz a toda a gente  
Qu'eu sou moreno demais...*

Por aí vai. Tamborilei na mesa a segunda parte:

*Você vem d'um palacete  
e eu nasci num barracão...  
Sapo namorando a lua  
numa noite de verão...*

*Eu vou fazer serenata  
eu vou cantar minha dor...  
Meu samba vai, diz a ela  
que coração não tem cor...*

O saudoso amigo Kerginaldo Rodrigues, bom seresteiro e de ótima voz, nunca se conformou com a presença do *sapo* na letra. Achava um absurdo e de grande mau gosto:

— Vejam vocês: sapo namorando a lua? Horrível.

Sempre que cantava o samba, nas noites boêmias de Fortaleza, pois gostava muito dele, mudava a letra para:

*Passo namorando a lua  
numa noite de verão...*

E concluía:

— Não fica melhor? Se o seresteiro *vai* fazer serenata, então ele *passa* namorando a lua e vai para a farra. Não é perfeito? Que letra de merda fez o Wilson Batista, com todo aquele talento... Duelou até com o Noel, como vocês sabem. Não sei como o Marino Pinto, um cara de boa cultura, permitiu essa monstruosidade.

Resultado: todo o nosso grupo, que se reunia para cantar ao som do violão do Milton Alves, sempre que partia para o samba *Preconceito* substituía o *sapo* pelo verbo *passo*.

O que prova que o Kerginaldo contribuiu — e o cancionista popular brasileiro não tomou conhecimento disto — para melhorar o repertório do “Cantor das Multidões”.

*Restauradores, 3 de novembro de 1995, às 20 horas.*

## HOMENAGEM

Fui homenageado por amigos escritores no último dia oito. Almoço na churrascaria *O Brasileiro*. Umass cinqüenta pessoas. Deram-me uma placa de prata e ganhei do amigo J.B. Sayeg uma caixa com três cedês das melhores interpretações de Orlando Silva. Fotos e discursos. Elogiaram o meu trabalho e a minha dedicação à UBE. Idéia do presidente Fábio Lucas, aceita por toda a diretoria. Merecida ou não, fiquei de fato meio constrangido. Não é falsa modéstia: é a minha timidez. Alvorço-me quando alguém me elogia. Penso até que mereço. Mas na hora não sei o que dizer...

Preparei algumas palavras de agradecimento. Embrulhei tudo. Saí da festa aliviado e recompensado. Como é bom e gratificante não os aplausos mas sabermos que temos amigos que nos querem bem.

No dia seguinte, durante o almoço mensal na Academia Paulistana de História, nova homenagem. E quando o Henrique L. Alves, ao microfone, falou do almoço que me ofereceram, choveram palmas. Felizmente não falei nada. Apenas me levantei e agradei com um aceno de cabeça.

Na saída, olhei a multidão da cidade, os carros passando, e descobri uma coisa que verdadeiramente me emocionou: afinal de contas, seu Caio, você deixará um pequeno rastro nesta sua passagem pelo planeta Terra...

Isto me basta. O elogio é bom mas fugaz. A minha obra, boa ou medíocre, dirá ao que vim e se ficarei...

Pensando bem: isto importa?

*Restauradores, 10 de novembro de 1995, às 19h15.*

## AQUELE AMOR

Aquele amor  
longe do que afirma a valsa popular  
nunca me trouxe felicidade ou afeição  
Foi-se com o vento  
Mas eu fiquei  
E como fiquei  
Livre dela  
livre de tudo  
livre até de mim  
Que bom

*Restauradores, 10 de novembro de 1995, às 19h20.*

## PREFÁCIO

Estou escrevendo, com muito carinho, o prefácio para o livro *Diagonais* do amigo Helder Câmara. Sairá em breve. Trabalho nada fácil, porque Helder e seu xadrez, Helder e sua amizade de mais de quarenta anos, bloqueiam-me um pouco. Quero contar tudo do amigo e sobre o amigo e só tenho espaço curto de poucas linhas contadas.

Em todo o caso, fica-me a satisfação de prefaciá-lo livro do quase irmão, que brilhou e brilha num tabuleiro de xadrez. Amigos somos desde o tempo em que o Milton Alves, lá na minha casa, em Fortaleza, nos inícios da década de 50, aparecia com seu violão e cantávamos, numa roda amiga, belas valsas e sambas da época.

Prefaciá-lo livro assim não é mole.

Mas sai.

*Restauradores, 10 de novembro de 1995, às 19h40.*

## CUIDADO COMIGO, PAVAROTTI

Recentemente, Luciano Pavarotti, no Primeiro Ato da ópera *Rigoleto*, ao soltar a voz para o agudo estridente, ela falhou e transformou-se, para surpresa de todos, em simples sopro. Não voltou para o Segundo Ato e muitos falam que o grande tenor começa a declinar. Lembrei-me de Caruso, no palco, cantando desesperadamente com o lenço vermelho de sangue que lhe vinha da garganta.

O que aconteceu com Pavarotti acontece com muitos cantores, dos líricos aos puxadores de samba. Um golpe de ar, uma indisposição, uma gripe mal curada, a respiração mal colocada — uma série de fatores provoca isto. Li, há muitos anos, que Bing Crosby, parece-me que numa exibição em Pasadena, Califórnia, desafinou escandalosamente numa canção banal, ele que cantava com muita suavidade, às vezes quase falando.

Pavarotti, perto dos sessenta, tem uma emissão vocal de jovem, com uma leveza e facilidade que espantam.

Mas esse acidente com o grande tenor me serviu, pelo menos, para que eu, uma vez na vida, ganhasse dele. Soltei um agudo no banheiro. Ele saiu louco, para cima e para baixo, quase um grito de desespero, mas saiu. Pavarotti, naquele fatídico dia, cantando o *Rigoleto*, não conseguiu nem isto. Naquele instante ele, comparado com o meu grito de dor no banheiro, saiu-se pior. De uma forma ou de outra, emiti alguma coisa. Ele, nem isto.

Continuarei de olho em você, Pavarotti.

*Restauradores, 17 de novembro de 1995, às 19h05.*

## POEMA INTERROMPIDO

De certo  
meu bem  
este vaso de flores  
estas flores dispersas...

Não pude continuar o belo poema iniciado. Chegou a jornalista Rosani Abul Adal e me perguntou: “O que está escrevendo?” “Nada.”

Guardei o papel no bolso e passamos a conversar.

*Restauradores, 17 de novembro de 1995, às... (não olhei para o relógio).*

## O RESTO É SILÊNCIO

Fico por aqui.

É que morreu o Luís, garçom que me serviu durante quase trinta anos, aqui no *Bar e Restaurante Restauradores*, na Rua 24 de Maio, capital de São Paulo.

E, com a morte dele, perdi o interesse de continuar rabiscando estas notas apressadas, em prosa e verso (prosa corrida e pobres versos), que escrevi tomando goles de cerveja, sozinho, à espera de amigos, para um bate-papo descontraído de fim de expediente.

Os amigos, ao correr da vida, se vão. A gente envelhece... Se eu olhasse para trás e narrasse os momentos de descontração que vivi neste bar, ao longo de tantos anos, eu acabaria por confessar um trecho nada pequeno, alegre, às vezes nem tanto, da minha vida.

Foram-se muitos dos amigos que aqui comigo conversaram e conversaram sobre tantos assuntos sérios e tantas futilidades do dia-a-dia.

Como continuar, se o Luís, o Luís Gonzaga Barbosa, garçom que me atendeu por três décadas, se foi há apenas umas três semanas? Ainda tentei, como agora, mas esta casa de pasto e bebida perdeu para mim muito da sua alma. Não para deixar de freqüentá-la, mas para rabiscar qualquer coisa.

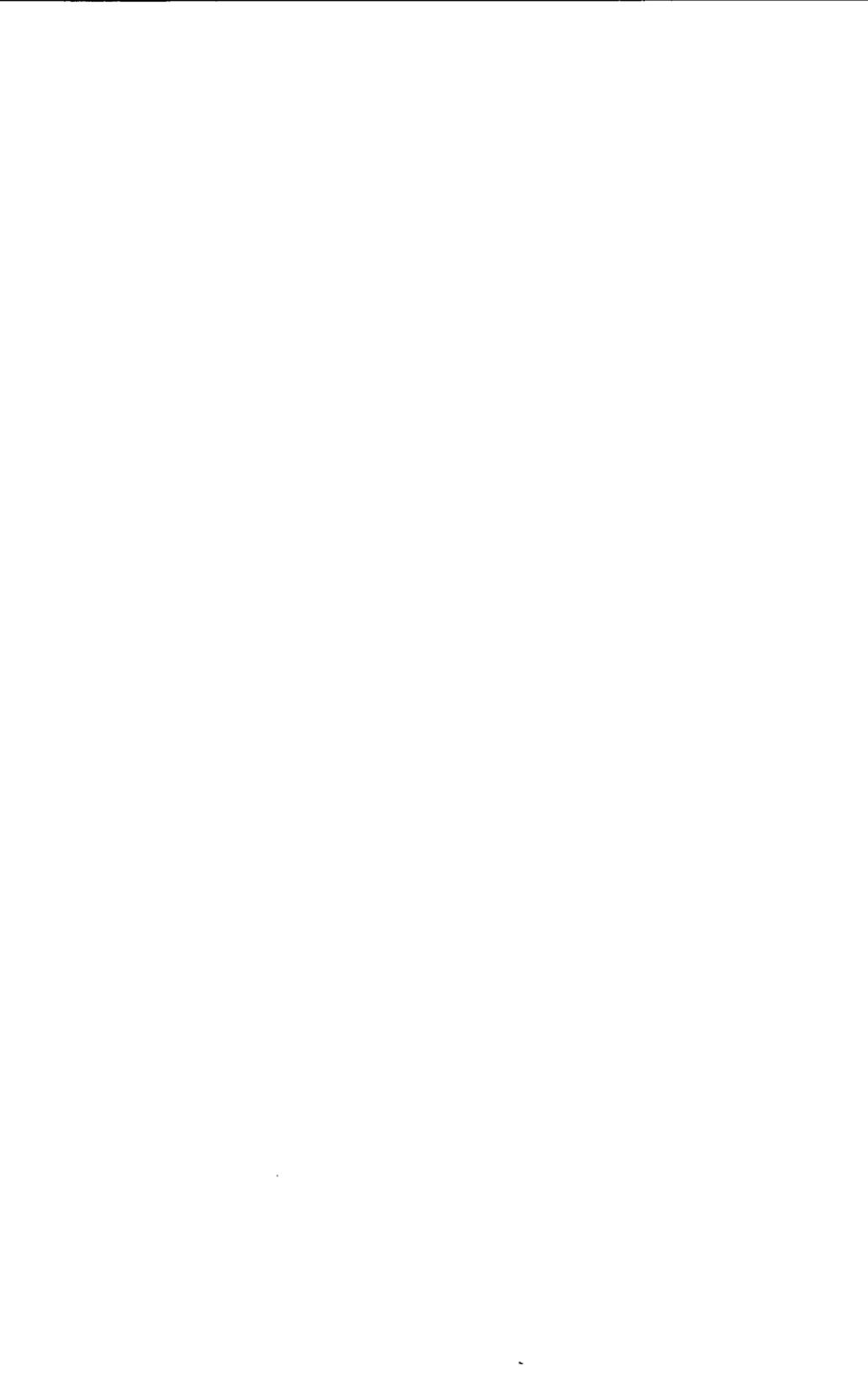
Na pergunta do outro garçom vem a ressonância da voz do Luís:

— Outra geladinha, seu Caio?

O resto... Bem. Valho-me da velha e repetida expressão, que até me lembra o título de um romance do Érico Veríssimo, para guardar a caneta e esquecer rabiscos futuros: *O Resto é Silêncio*.

*Restauradores, 8 de dezembro de 1995, às 18h30.*





Impresso na **Prol** editora gráfica ltda  
03043 Rua Martim Burchard, 246  
Brás - São Paulo - SP  
Fone: (011) 270-4388 (PABX)  
com filmes fornecidos pelo Editor.